



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ELNATÃ MENDES DE SOUZA

**A FESTA DOS REIS: PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO
PIAUÍ**

PICOS – PI,
2014

ELNATÃ MENDES DE SOUZA

**A FESTA DOS REIS: PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO
PIAÚ**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em História, da
Universidade Federal do Piauí - UFPI,
sob a orientação do professor Msc.
Mairton Celestino da Silva.

PICOS - PI,
2014

Eu, **Elnatá Mendes de Souza**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 11 de agosto de 2014.

Elnatá Mendes de Souza
Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M149e Souza, Elnatá Mendes de.
A Festa dos reis: patrimônio histórico e cultural do Piauí / Elnatá Mendes de Souza. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (93 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.
Orientador(A): Prof. MSc. Mairton Celestino da Silva

1. Festas - Brasil. 2. Reisado. 3. Tradição. 4. Cultura - Brasil. I.
Título.

CDD 398.0981



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao dia (08) do mês de Agosto de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de ELNATA MENDES DE SOUZA sob o título *FESTAS DOS REIS: patrimônio histórico e cultural do Piauí*

A banca constituída pelos professores:

Orientador: PROF. MS. MAIRTON CELESTINO DA SILVA
Examinador 1 : PROF. MS. NAUDINEY DE CASTRO GONÇALVES
Examinador 2 : PROF. DR. AGOSTINHO JUNIOR HOLANDA COE

Deliberou pela APROVADO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,0.

Picos (PI) 08 de Agosto de 2014

Orientador (a): MAIRTON CELESTINO DA SILVA
Examinador (a) 1: AGOSTINHO JUNIOR H. COE
Examinador (a) 2: NAUDINEY DE CASTRO GONÇALVES

“Se não puder voar, corra.

Se não puder correr, ande.

Se não puder andar, rasteje,

Mas continue em frente de qualquer jeito! ”.

(Martin Luther King)

Ao meu avô Genésio Cardoso (*in memoriam*).

Agradecimentos

Agradeço antes de tudo a Deus por mais uma vitória e pela vida.

Aos meus pais, Raimundo e Neuza Mendes. Ao meu irmão, Eltani e a minha sobrinha, Fernanda.

A Minha esposa e companheira de todas as horas, Nara Tatiana.

Aos meus sogros, Demar e Neuza Palhares.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente ajudaram-me na longa jornada da graduação.

RESUMO

A presente pesquisa analisou a importância de celebrar as festas populares no nosso país, como forma de preservação da nossa identidade cultural e também verificando os principais aspectos históricos e culturais implantados pela Folia de Reis no Brasil. Deste modo, foi examinado o surgimento e as influências do Reisado na formação das culturas regionalistas e os mecanismos que preservaram a sua tradição até os dias atuais, ancorando nos trabalhos desenvolvidos que relataram a história do Reisado dos pesquisadores Kátia Kodama e Melo Moraes. Aprofundou-se a análise do estudo nos aspectos referentes aos principais tipos de manifestações populares brasileiras, destacando a Folia de Reis e apresentando suas principais características, seus componentes estruturais e suas variações regionais. Com esta pesquisa foi possível observar a importância da celebração e da tradição de festejar a Folia de Reis na preservação dos nossos costumes e da nossa identidade cultural. O presente trabalho foi elaborado através de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva que verificou e aprofundou o estudo sobre o surgimento das festas populares brasileiras, especialmente a tradição de celebrar a Folia de Reis na formação da nossa cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Festas. Reisado. Tradição. Cultura.

ABSTRACT

This study examined the importance of celebrating festivals in our country, as a way of preserving our cultural identity and also checking the major historical and cultural aspects deployed by Folia de Reis in Brazil. Thus, it was examined the emergence and influences the formation of the Epiphany regionalist cultures and mechanisms that preserved their tradition to the present day, anchoring in developed works that reported the story of the Epiphany of the researchers and Kodama Katia Moraes Melo. Deepened the analysis of the study in aspects related to the main types of Brazilian popular demonstrations, highlighting Folia de Reis and presenting its main features, its structural components and their regional variations. This research was possible to observe the importance of celebration and tradition of celebrating the Festival of Kings in the preservation of our customs and our cultural identity. This paper was prepared by a literature, exploratory and descriptive research was verified and deepened the study of the emergence of the popular Brazilian parties, especially the tradition of celebrating the Festival of Kings in shaping our culture.

KEYWORDS: Events. Epiphany. Tradition. Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01. Teto de Igreja Barroca	23
Figura 02. Imagem do Divino	23
Figura 03. Palma Barroca	24
Figura 04. Leque de Iemanjá	24
Figura 05. Detalhes do bordado do manto de Nossa Senhora do Carmo	25
Figura 06. Detalhes do bordado da roupa da Porta-bandeira	25
Figura 07. Caboclo de Lança do Maracatu Rural	26
Figura 08. Procissão do Círio de Nazaré, Belém (PA)	26
Figura 09. Carnaval na Av. Paulista – SP, em 1926	31
Figura 10. Desfiles de carros no carnaval de São Paulo nas primeiras décadas do século 20	31
Figura 11. Imagem da passagem do Maracatu Rural	33
Figura 12. Estátua de Iemanjá	34
Figura 13. Imagem do Boi Caprichoso	36
Figura 14. Imagem do Boi Garantido	36
Figura 15. Imagem do Bumba-meu-Boi do Piauí	36
Figura 16. Presépio Barroco do Museu Nacional do Azulejo de Lisboa, Portugal .	43
Figura 17. Imagem dos Três Reis Magos	45
Figura 18. Catedral de Colônia, Alemanha	46
Figura 19. Vista lateral da Urna dos Reis Magos na Catedral de Colônia, Alemanha	46
Figura 20. Forte dos Reis Magos de Natal (RN)	50
Figura 21. Embaixador tocando viola	57
Figura 22. Músicos da Companhia Mensageiros da Paz de Campinas	59
Figura 23. Grupo de palhaços	61
Figura 24. Foliões na Festa dos Reis	63
Figura 25. Bandeira de Santos Reis	64
Figura 26. Mastro na Festa dos Reis	67

Figura 27. Bandeira sendo descida do mastro	67
Figura 28. Arcos na Folia de Reis	67
Figura 29. Presépio montado para a Folia dos Reis	69
Figura 30. Palhaços com bastões	70
Figura 31. Palhaços mascarados	71
Figura 32. Foliões de Potirendaba	72
Figura 33. Mateus e Catirina no Reisado	84
Figura 34. Foto do Mestre Severo	84
Figura 35. Reisado em Boa Hora (PI)	85
Figura 36. Grupo de Foliões na cidade de Oeiras (PI)	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – AS FESTAS	14
1.1 Festa	14
1.2 A origem das festas populares no Brasil.....	17
1.2.1 As principais festas populares no Brasil	29
1.2.1.1 Carnaval	30
1.2.1.2 Maracatu	32
1.2.1.3 São Benedito	33
1.2.1.4 Iemanjá	34
1.2.1.5 Boi-Bumbá	35
1.2.1.6 Festas Juninas	37
1.2.1.7 Festa do Divino	37
1.2.1.8 Cavalhada	38
1.2.1.9 Reveillon	38
1.2.1.10 Folia dos Reis	39
CAPÍTULO II – A FOLIA DE REIS	40
2.1 A festa dos Reis: patrimônio histórico e cultural	40
2.2 As folias	42
2.3 Sobre os Reis	44
2.4 A Folia de Reis no Brasil	47
2.5 Organização e funções dos participantes das Folias de Reis	56
2.6 Os principais elementos iconográficos das folias	64
CAPÍTULO III – A FOLIA DE REIS NO PIAUÍ	73
3.1 O Reisado: patrimônio cultural do Nordeste	73
3.2 Rituais do Reisado	76
3.3 O Reisado e seus rituais no Piauí	82
CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS	92

INTRODUÇÃO

O Reisado é uma festa popular brasileira que se consolidou no nosso folclore e na nossa cultura, sendo adaptado e celebrado de diversas formas conforme o regionalismo das comunidades brasileiras. É uma festa que engloba uma rica história bíblica que retrata a viagem dos Três Reis Magos à Belém para visitar a Virgem Maria pelo nascimento do menino Jesus.

A Folia de Reis é considerada um patrimônio histórico da humanidade e da nossa cultura. É uma festa que bastante celebrada pelo mundo todo, com bastante incidência em alguns países da Europa, especialmente na Itália, na França, na Espanha e em Portugal. Este último país, foi o responsável por introduzir a prática de festejar o Dia de Reis na nossa cultura, já que foram os portugueses durante a nossa colonização e o período de evangelização realizada pelos jesuítas em nosso território, que nos apresentaram o cristianismo e todas as histórias que relatavam a vida de Cristo, tal como, a viagem dos Três Reis Magos ao seu nascimento.

No Brasil, o Reisado possui várias denominações, tais como, Dia de Reis, Folia de Reis, Terno de Reis, Véspera de Reis e outros. Entretanto, a essência ou motivo do seu enredo comemorativo se mantém o mesmo em todas as partes do nosso país, misturando temas sagrados com profanos, reais e lúdicos. O Reisado é comemorado durante o ciclo natalino que se compreende do dia 25 de dezembro ao dia 06 de janeiro, que é o dia dos Santos Reis.

O enfoque central, desta pesquisa, será analisar a importância de comemorar as festas populares no nosso país representando a identidade cultural da nossa população, assim como, verificar os principais aspectos históricos e culturais implantados pela Folia de Reis na preservação da cultura regional brasileira.

O Reisado é uma festa com vários personagens chamados de foliões que são formados por músicos, tocadores, dançarinos que percorrem as ruas da cidade e adentram nas casas da população anunciando a chegada do Messias, encenando dramatizações que retratam trechos das passagens bíblicas, recitando versos, pedindo perdão pelos pecados e recebendo donativos da população. Nesse sentido, este trabalho irá, então, examinar o surgimento e as influências da Festa dos Reis nas culturas e nos costumes regionalistas, assim como, os mecanismos que

permitem a sua preservação e a sua longa tradição entre as festas populares mais comemoradas no Brasil e no Piauí.

Outrossim, esta pesquisa também analisou os principais tipos de manifestações de festas populares brasileiras; apresentou as principais características e seus componentes estruturais associados ao surgimento e valorização da Folia de Reis; e ainda, verificou as principais variações regionais da Folia de Reis na afirmação e na resistência de uma comunidade local em defesa de sua cultura e seus costumes.

A importância desse estudo é relevante e de grande importância, pois é através deste, que iremos compreender o surgimento das festas populares, especialmente o surgimento da Folia de Reis na cultura brasileira e a sua tradição de celebrar esta festa até os dias atuais.

O primeiro capítulo aborda a história do surgimento da festa pelo mundo, assim como, a origem das festas populares brasileiras dando evidência para comemoração das principais festas celebradas tradicionalmente no Brasil.

O segundo capítulo verifica a prática e o surgimento do Reisado no mundo e no Brasil, relatando a história e a importância dos Três Reis Magos, assim como, destaca os seus rituais, as suas dramatizações, os seus elementos iconográficos e seus personagens presentes na Festa dos Reis.

No capítulo terceiro é analisada a história do Reisado no Piauí e as suas modificações ou adaptações feitas para a nossa cultura regionalista, tal como, as dificuldades existentes pelas Companhias de algumas das nossas cidades de preservar esta Festa na cultura e nas lembranças da nossa população.

O presente trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa exploratória, descritiva e bibliográfica. Neste contexto, foram verificadas o surgimento das festas populares aprofundando o estudo sobre a sua prática e tradição de celebrar a Folia de Reis nas culturas regionalistas do nosso país, assim como, a influência que esta Festa insere na formação dos nossos costumes e da nossa identidade cultural.

CAPÍTULO I – AS FESTAS

1.1 Festas

O surgimento das festas e de seus rituais são tão remotos quanto à existência da humanidade. O homem já registrava na sua arte rupestre ou num tempo mais próximo em figuras plásticas algumas atividades festivas norteadas pela participação e organização de membros do seu grupo, todos unidos a fim de exaltarem o seu povo e a sua cultura.

As festas sempre estiveram vinculadas a cultura de um povo, já que estas são celebradas nos mais variados momentos, seja para agradecer a natureza, o período de colheita, a chuva, o trabalho, a celebração da vida e até mesmo da morte. Tudo se torna motivo para agradecer e pedir proteção às divindades da natureza e às figuras sagradas.

As folias representam a cultura e preservam a memória de um povo. As festas são um conjunto de comemorações e de rituais, vinculados ou não à religião, mas que confirmam a existência de laços sociais e afetivos entre os membros daquela comunidade. As folias podem ser comemoradas em diferentes lugares e por culturas diversas, no entanto as mesmas têm a sua essência mantida, ou seja, os seus rituais, a dança, os cânticos e alguns dos seus elementos estruturais são celebrados de forma similar em qualquer tipo de sociedade.

Norberto Luiz Guarinello (2001, p. 969) assinala que “não existe, na verdade, uma conceituação minimamente adequada do que seja uma festa. Festa é um termo vago, derivado do senso comum, que pode ser aplicado a uma ampla gama de situações sociais concretas”.

Maria Cristina Caponero e Edson Leite afirmam que:

A festa será considerada como um momento importante para a sociabilidade, um elemento constitutivo do modo de vida do brasileiro, especificamente popular: como um produto do cotidiano que interrompe temporariamente as atividades cotidianas: envolve não só a presença, mas também a participação concreta de um determinado coletivo que interage com as comunicações de massa e tradicionais, resultando em um complexo processo. (CAPONERO e LEITE, 2010, p. 103)

As festas através de seus rituais traduzem e refletem a cultura e o pensamento de um povo. Elas conseguem organizar e determinar o tempo e o espaço de uma comunidade, uma vez que o calendário daquele povo poderá ser decidido de acordo com as datas festivas.

As folias são importantes fatores sociais e históricos para o estudo e o entendimento da cultura de um povo, pois se percebe que algumas celebrações foram mantidas e preservadas

até os dias de hoje. Seus rituais e elementos organizacionais foram conservados durante séculos e séculos e incorporados em outras culturas, porém com o mesmo intuito, de cultivar a cultura daquela comunidade e os laços que unem os membros daquele grupo.

As festas podem ter diferentes origens, podem ter caráter religioso ou não, serem profanas, periódicas, públicas ou privadas, satíricas. Entretanto, deve-se entender que as festas são, portanto momentos importantes para a celebração e representação da cultura de um povo. Na atualidade, a comemoração de algumas das festas populares possibilita a outrem entender e assimilar a cultura de um determinado povo através da prática e da celebração dos seus rituais, das suas danças, músicas e linguagens.

Inseridas nas comunidades, as folias são festas tradicionais promovidas e vivenciadas por todos os membros daquele grupo a fim de preservarem as práticas e as origens de seus ancestrais. Estas são consideradas como fatos sociais de grande importância para o desenvolvimento de uma cultura local, pois através do assimilamento dos seus rituais ou das suas celebrações de caráter profano ou religioso, podemos entender a cultura e os costumes de um povo.

A dinâmica das festas mobiliza todos os membros daquela comunidade, uns participam ativamente enquanto outros figuram apenas como espectadores, no entanto todos vivenciam unidos a sua concretização.

Nas palavras de Alain Birou:

A festa é uma necessidade social em que se opera uma superação das condições normais de vida. (...) A festa é a expressão de uma expansividade coletiva, uma válvula de escape ao constrangimento da vida quotidiana. Da economia passa-se à prodigalidade; da discrição à exuberância. Surgem as manifestações de excesso, nos mais riscos por ostentação, nos mais pobres por compensação. (BIROU, 1966, p.166).

Desde o surgimento das festas populares, percebe-se que esta mesmo sendo organizada e praticada por pequenos ou grandes grupos sociais conseguem unir os membros daquele grupo em prol do mesmo objetivo, ou seja, a sua realização.

Todavia, atualmente é notório que algumas festas populares na realidade são organizadas por pequenos grupos (moradores de uma rua ou bairro) ou até mesmo por algumas Instituições (Igrejas, escolas ou associações) que se articulam para promoverem desde a sua organização à sua efetivação com a finalidade de transmitirem à população os costumes de gerações anteriores, e resgatar e registrar a cultura dos seus ancestrais.

As manifestações populares são carregadas de vários elementos iconográficos, de vários símbolos, imagens, cores, linguagens populares, dramatizações, ritos e outros subsídios que representam a história de uma comunidade.

Por conseguinte, Kátia Maria Kodoma indica:

As festas são iconograficamente perpetuadas através de seus rituais, objetos e práticas, secretas ou não, objetos muitas vezes celebrados e confeccionados sem o conhecimento exato do porquê de sua realização e construção, práticas herdadas e passadas pelas gerações de formas repetitivas, usadas para ordenar a dinâmica do tempo e do espaço, propiciando sentido às ações da cotidianidade. (KODOMA, 2009, p. 79).

Porquanto, as festas são marcantes na rotina da população, já que retratam o cotidiano e as relações entre as pessoas. Elas celebram os laços sociais e afetivos que unem as pessoas ou grupos, a natureza, o lúdico, o tempo, o espaço e tudo aquilo que está vinculado à perpetuação de uma cultura, tal como, seus costumes, sua simplicidade e sua linguagem.

E, Kátia Maria Kodoma ainda acrescenta:

A festa é um ato que não acontece por um único indivíduo, não é um fato comum, e ainda que marque momentos temporais, carrega atemporalidades e se distancia da lógica cotidiana. Nela é possível encontrar diferentes atitudes que se fundem com o estado de exaltação, coletivo e individual. É um momento de celebração e consagração com seu semelhante ou através de objetos simbólicos fazendo com que uma realidade paralela aconteça no tempo de ser e viver, é uma virtualidade de um outro tempo ou acontecimento. Desta forma, a espacialidade sugerida e necessária para a realização da festa e transcende o real, penetra no lúdico, na fantasia e no sagrado. (KODOMA, 2009, p. 80)

É bastante comum percebermos que nas histórias das comemorações destas festas populares estão presentes e assinalados o prazer individual daqueles que participam ativamente e em contrapartida sendo compartilhado com o prazer coletivo daqueles que assistem e se divertem através da sua celebração.

De tal modo, essas celebrações conseguem em seu enredo e dramatização religiosa ou profana retratarem a vida cotidiana da população local, fazendo, portanto uma ligação ou um espelho entre o indivíduo e sua comunidade. As festas, na sua grande maioria, traduzem através de suas atividades lúdicas uma crítica social referente aos problemas da sua própria comunidade local ou da sua nação.

Porquanto, o conceito de festa na lição de Kátia Maria Kodoma:

Festa é, por conseguinte, realização, construção, sacrifício, permuta, dádiva, sintonização; consiste em existência, em vivência, em partilha com semelhantes. A festa é uma caixa de memórias; nela, a história é revivida e projetada para o futuro; é assegurada a manutenção das tradições, dos atos iniciáticos que ordenam as regras da comunidade, os elos reguladores das culturas. (idem, ibidem, p. 81)

Ao longo dos tempos, as festas sempre foram importantes para o desenvolvimento dos grupos e do homem, uma vez que seus rituais sempre marcavam momentos de passagem na vida das pessoas, celebrando desde o seu nascimento até a sua morte.

Outrossim, Kodoma (2009, p. 81-82) preconiza:

Na festa, o impossível se torna possível, é um campo virtual e experimental das relações e dos sentimentos do indivíduo e da coletividade. Neste campo de experimentações a festa se faz e os juízos emitidos de uma festa são sempre parciais, ela atende ou não as expectativas nela depositadas, é sempre acontecimento catártico de expiação ou êxtase das necessidades interiores dos indivíduos ou da coletividade. Nela, os desejos, intenções, sonhos e necessidades são materializados, são virtualizados e, conseqüentemente, o deslumbramento e o arrebatamento são vividos. Esses sentimentos são vivenciados de forma única por cada participante; é nesse frenesi que a festa se desencadeia em cada um e na comunidade. Desta maneira, a ordem social é momentaneamente rompida e o tempo invertido ou estancado.

As festas e os seus rituais fornecem ao homem, meios para que o mesmo possa se entender e se identificar no mundo. As folias são tipos de comemorações comuns constituídas de formas e funções praticadas em qualquer espécie de sociedade. Assim, pontua Maria Clementina Pereira Cunha sobre as festas:

Através delas, poderá espiar uma rica miríade de práticas, linguagens e costumes, desvendar disputas em torno de seus limites e legitimidade, ou da atribuição de significados, e sentir as tensões latentes sob as formas lúdicas. Apurando o ouvido, será capaz de captar manifestações de dor, revolta, alegria, presentes nos dias de festa como nos dias comuns, e testemunhar reconciliações ou desentendimentos que, para o historiador, têm sempre um gosto único e inconfundível. (CUNHA, 2005, p. 12)

O enredo destas comemorações é bastante rico em rituais de inversão ou de fusão, podem ser religiosas ou profanas, satíricas ou cômicas, entretanto, é uma forma que os grupos e as principais Instituições encontram para dar continuidade a uma cultura longínqua dos seus ancestrais e assim registrar a tradição dos seus costumes.

1.2 A origem das festas populares no Brasil

As festas estão presentes desde o descobrimento do Brasil. Os índios que aqui habitavam antes da chegada dos portugueses já possuíam seus próprios rituais, com cerimônias exaltando o nascimento, a iniciação a vida adulta, ao casamento, as estações do ano, as fases da lua e até mesmo a morte.

De acordo com Mary Del Priore:

As festas tradicionais brasileiras não nasceram no Brasil, foram transplantadas pelos colonizadores portugueses e invasores no período colonial que as consolidaram, dando-lhe certas especificidades. No período colonial, as irmandades e confrarias tiveram um papel de destaque nas comunidades na participação e na organização das festas religiosas. O estatuto das Irmandades do Santíssimo Sacramento, datado de 1763, determinava que serão todos os Irmãos desta irmandade obrigados a assistir a todas as festas do Senhor como fica dito, e muito principalmente a Semana Santa em Quinta-Feira maior, pela manhã, para a solenidade daquele dia e semana, para a qual e para as mais da Quaresma. (DEL PRIORE *apud* CAPONERO e LEITE, 2010, p. 103).

Com a mistura de várias etnias em território brasileiro, as festas também se tornaram mais variadas e passaram a ser praticadas tradicionalmente em todo o território nacional ao longo dos tempos.

Uma das características mais notória do poder que as festas populares detêm é de exercer entre os seus participantes o sentimento de agregação e de identificação dentro de uma comunidade ou grupo. Tal sentimento é presenciado e compartilhado em festas realizadas tanto em comunidades urbanas como em rurais.

Assim, assinala Kodoma:

No Brasil, as atividades festivas também faziam parte das celebrações dos povos originários como marcos reguladores da dinâmica social. Com a chegada do europeu e a transplantação das culturas da África, as festas ganharam amplitude. Conservaram a essência e as formas ritualísticas de origem das diferentes culturas que aqui se estabeleceram, e foram agregando diferentes elementos no desenrolar da história brasileira. (KODOMA, 2009, p. 85)

A presença de várias culturas dentro do território brasileiro ocasionou uma convivência forçada entre os povos e as festas tomaram uma amplitude, congregando novos elementos, novos símbolos e o surgimento de novos significados dando contorno à formação de uma nova cultura, a cultura brasileira.

Na história da colonização do Brasil é sabido que foram os Jesuítas que catequizaram e alfabetizaram os brasileiros. Eles controlavam aquele espaço no qual se instalavam com a construção de capelas e de núcleos educacionais.

As capelas ou Igrejas eram espaços de encontros, rezas, missas, festas, encontros políticos e etc., aonde as notícias eram propagadas e reavaliadas. Muitas comunidades brasileiras foram nomeadas com nome de Santos da Igreja Católica em virtude da grande religiosidade instalada pelos Jesuítas no período do Brasil-colônia.

As festas religiosas realizadas pelos Jesuítas possuíam dramatizações, danças, músicas, cortejos e adentravam tanto no imaginário daqueles que moravam na cidade como no daqueles que habitavam no campo. Em certos lugares, as festas populares são

acontecimentos aguardados e reguladores de muitas comunidades e das relações entre as pessoas.

As primeiras festas no território brasileiro foram organizadas pelos Jesuítas durante a sua evangelização e possuíam caráter religioso. Os Jesuítas notaram que para atrair os povos originários daquele território para frequentar a Igreja ou seus colégios era necessário utilizar meios que os cativassem e encantassem, como músicas e encenações que retratassem sua religião e suas atividades, como por exemplo, a interpretação para a celebração do Martírio das Onze Mil Virgens, comemoração religiosa que deu início as demais comemorações de santos e feriados religiosos.

Essas encenações já eram bastante utilizadas na Europa Medieval dentro da Igreja para atrair seus fiéis e evangeliza-los. Nessas dramatizações organizadas pela Igreja sempre relatavam histórias bíblicas, entretanto as encenações sempre misturavam fatos religiosos com outros considerados profanos, característica que se manteve na comemoração das grandes festas populares.

Assim, destaca Kodoma:

As folias tiveram suas origens na península ibérica; eram danças acompanhadas de instrumentos musicais, principalmente castanholas e pandeiros, onde os homens se vestiam de mulheres e saíam às ruas numa dança selvagem. Gil Vicente, no Auto da Sibila Cassandra (1511), apresenta um personagem cantando folia, assim como outros autores fazem referência às folias como uma dança ligada aos ritos de fecundidade em sua origem, nelas era comum o uso de máscaras. Eram essas folias e outras manifestações festivas, dramatizações e jogos que animavam as festas religiosas e laicas do reino e da colônia, das quais nem sempre o povo podia tomar parte. (idem, *ibidem*, p. 87).

Ao calendário das festas religiosas celebradas aqui no Brasil foram congregadas também as tradições das culturas africanas e indígenas, originando, assim, em cada região do território nacional, novos segmentos de festas com características específicas e peculiares praticadas em cada região do país, como por exemplo: músicas, danças, batidas de tambor, procissões, lavações de escadas, oferendas, banhos, comidas e bebidas especiais para rituais, trajes e outras características marcantes e pertencentes aos povos na comemoração das festas de cada região do Brasil.

Porquanto, nota-se que a maioria das festas comemoradas na atualidade são de caráter religioso, em virtude do catolicismo aqui instalado durante o século XVIII celebrando a crença e devoção aos santos da Igreja Católica. Todavia, apesar da maioria das festas populares terem sua origem nas bases da Igreja, as mesmas foram modificando e se transformando com o tempo adquirindo novos aspectos e outras estruturas absorvendo

simultaneamente características religiosas e profanas, entretanto permanecendo a ideologia de sua criação.

No estudo da história do surgimento das festas populares é sabido que as primeiras festas eram organizadas pelo governo e pela Igreja, as primeiras festas eram tidas como oficiais e o povo apenas participavam como espectadores. Nos demais tipos de comemorações, como as procissões de Corpus Christi, do Divino e as de Nossa Senhora era admitido o povo participar dos seus autos e das suas encenações com dramatizações das histórias bíblicas e da origem dos santos através do uso de músicas, ritmos, danças e superstições profanas. Essas festas controladas pela Igreja eram meios que ela empregava para evangelizar e controlar o pensamento e a moral da população.

Todavia, do mesmo modo que as festas possuem o poder de unir as pessoas, elas também acabam distinguindo tanto as pessoas que estão participando daquelas que não estão, era muito comum nas festas de caráter religioso, se deparar com grupos pleiteando hierarquia e lugares sociais na organização dessas festas. Naquela época, as festas conseguiam determinar as posições econômicas e sociais das pessoas dentro da sociedade local. Essa hierarquia era uma “briga de egos”, pois existiam disputas de poderes e prestígios, tudo em busca da melhor colocação social a fim de afirmar o seu lugar nesta hierarquia e dentro da sociedade. Na lição de Rosa Gauditano e Percival Tirapeli no Brasil colônia:

[...] as irmandades religiosas, compostas por irmãos leigos, tinham obrigações sujeitas a multas que iam desde o custeamento de festas e cortejos até rígidas normas de conduta religiosa. O descumprimento de normas, também presentes nas confrarias – corporações de ofícios lembrando as guildas medievais -, levaria a pessoa à exclusão da sociedade e à conseqüente perda de prestígio, pois pertencer a uma irmandade, ou ordem terceira conferia status inequívoco ao cidadão. (GUAUDITANO e TIRAPELI, 2003, p. 23).

Com o avanço da Igreja em outros territórios e do aumento da população, os membros oficiais da Igreja se encontravam em pequenos números para controlar todos os atos oficiais religiosos, então, a Igreja passa a delegar tais funções aos leigos (povos originários, mestiços e negros) a fim de permanecer a tradição da comemoração dos festejos. No Brasil, por exemplo, nos domingos e nos dias santos que eram feriados, os escravos se reuniam para dançar e celebrar o dia festivo em louvor da sua crença. Outrossim, destaca José Tinhorão:

Quando os finórios [escravos] terminavam sua duríssima semana de trabalho, recebem permissão para do mesmo modo aproveitar a seu gosto os domingos, quando, reunindo-se em locais determinados, incansavelmente dançam de manhã à noite com os mais variados saltos contorções do corpo, ao som de tambores e pífanos tocados com muita propriedade, homens e mulheres, jovens e velhos, no meio da maior confusão, enquanto outros andam em voltas tomando uma forte bebida feita de açúcar chamada de grape [grapa, garapa]; assim também gastam

certos dias santos, nessa dança sem fim em que acabam tão empoeirados e emporcalhados a ponto de se tornarem às vezes irreconhecíveis. (TINHORÃO, 2000, p.57).

Desta forma, com a colonização do Brasil feita pelos portugueses e a catequização pelos Jesuítas de cunho totalmente religioso formou-se aqui um calendário baseado nas atividades e festas religiosas, em que grandes comemorações, como festas, missas e procissões, foram congregadas ao cotidiano da sociedade que se formava e transmitida às novas gerações. Assim, destaca Léa Perez:

As Ordenações do Reino fixavam em quatro o número de procissões anuais, às quais era obrigatória comparecer: a São Sebastião (janeiro), Corpus-Christi (maio ou junho), a Visitação (julho) e a do Anjo da Guarda (julho). Em 1757, uma procissão foi acrescentada: a de São Francisco de Borgia, protetor do Reino. Era incumbência da municipalidade o controle da participação das procissões, sobretudo das autoridades locais. A presença das confrarias e das irmandades, com seus emblemas e bandeiras, era obrigatória. (PEREZ, 2000, p. 11).

As festas realizadas pela Igreja e pelo Estado mobilizavam e contagiavam à população urbana e rural do Brasil-colônia em todos os dias dos festejos. Os dias das festas eram aguardados ansiosamente pela população e eram dias de encontros de todas as castas da sociedade que formavam a colônia brasileira, assim os senhores de engenho e suas famílias, seus empregados e escravos se deslocavam das suas grandes propriedades e da sua moradia até o local de realização das festividades, onde ocorriam batizados, casamentos, eucaristia e outras celebrações.

Nos dias que aconteciam as festas oficiais religiosas outras festas eram realizadas paralelamente, os escravos se reuniam tocando seus batuques e dançando a sua música enquanto que os senhores frequentavam as confrarias da cidade ou desfilavam com suas damas.

No século XIX, durante o Brasil imperial as práticas religiosas católicas ingressaram em declínio e assim, os novos padres advindos do norte europeu que formavam o novo clero da Igreja seguiam princípios e rituais românicos. Um grande exemplo dessa nova ordem instalada nessa época foi à desclassificação das festas populares religiosas organizadas pela Igreja transferindo a organização e a continuidade das festas às ordens terceiras.

Já no início do século XX, ocorreu uma nova migração de portugueses no Brasil nas regiões mais industrializadas devolvendo o espírito festivo das folias populares, de acordo com Gauditano e Tirapeli (2003, p. 23), “as crenças e práticas retornam sem o prestígio social dos tempos coloniais. As comunidades se reúnem nas festas dos santos, mas a procissões nas grandes cidades são substituídas por manifestações de civismo”.

O Brasil-colônia apesar de ter sido colonizado inicialmente por portugueses advieram etnias de diferentes países que difundiram suas culturas, suas músicas, suas crenças, danças no território nacional, formando e delineando uma nova sociedade e conseqüentemente uma nova cultura. Desta forma, Perez destaca:

As novenas, a procissão e a festa propriamente dita constituíam os momentos centrais. A igreja e as tribunas erigidas na praça, ornadas de bandeirolas, as feiras, a música das bandas, os fogos de artifício, os sinos tocando sem parar, em resumo, um espetáculo extraordinário, grandioso, a que as pessoas assistiam maravilhadas. (PEREZ, 2000, p. 11).

Não obstante, mesmo as comemorações tidas como não oficiais praticadas pelos escravos e mestiços eram controladas pela Igreja e pelo Estado.

As folias religiosas vão tomando amplitude e incorporando à cultura da população, no entanto, é somente no período barroco que as festas são consideradas fatores de formação da cultura brasileira.

Outrossim, Kodoma acrescenta:

O barroco, antes de tudo, é visto por muitos teóricos, como a arte da comunicação para as massas por excelência e, conseqüentemente, a visão de mundo do período no qual esteve inserido é gravada em suas manifestações artísticas. No Brasil, no ciclo do ouro, o barroco se estabelece. Nesse período histórico foi assentada a base do que se considera brasilidade para muitos estudiosos. (KODOMA, 2009, p. 91).

E, sobre as festas brasileiras que aconteciam no período barroco, Perez assinala:

A festa à brasileira, carnal e orgiástica, é uma das melhores evidências do caráter híbrido de nossa sociedade e de sua maneira de operar através do entrocruzamento de códigos e de registros. A festa, coisa pública e domínio da rua, favorece a mestiçagem à medida que provoca uma quebra no encandeamento dos determinismos. O povo na rua, a rua em festa: folia, orgia, fantasia, sedução, violência, transgressões de toda ordem combinam-se a um clima geral de afetividade, de familiaridade, de encontro, compondo uma maneira singular de estar coletivamente que age pela via da carnavalização ou, dizendo de modo ainda mais claro, da barroquização. (PEREZ, 2003, p.15).

Os historiadores asseveram que as festas realizadas no período barroco serviram de influência para as demais festas que são comemoradas nos dias atuais comparando porquanto, as informações das festas da atualidade com as festas barrocas. Podemos encontrar em alguns textos narrativas descrevendo detalhadamente os elementos iconográficos que rodeavam as festas barrocas, como no texto de Massami e Guedes:

[...] a festa do Triunfo Eucarístico, resultado do empenho da população na construção da Igreja -, mostrou em detalhes a abundância de ouro e diamantes nas vestimentas e enfeites dos mineiros. O Acontecimento havia sido anunciado por um bando mascarados, e, no dia da festa, as janelas da casa amanheceram enfeitadas com sedas e damascos. Após a missa, deu-se início a procissão, constituída por uma dança de turcos e cristãos com dois carros, dentro dos quais iam músicos de suaves vozes e vários instrumentos, uma dança de romeiros, uma dança de músicos, os quatro cavaleiros dos ventos (norte, sul, leste e oeste), um cavaleiro alemão tocando

clarim, dois negros galantemente vestidos, dois pajens com roupas de ouro e diamantes encravados, que davam “Vivas a Ouro Preto”, duas figuras significando os morros de Ouro Preto e Ouro Fino, as sete figuras representando os planetas, esses últimos precedidos pela Lua e as figuras representando as estrelas d’Alva e da Tarde, além do sol. As várias irmandades, com suas cruces e seus andores, eram precedidas por um gaiteiro. Por fim, seguia um numeroso séquito de nobres e moradores da vila com o andor, o numeroso clero das duas paróquias da vila e o Eucarístico Sacramento nas mãos do vigário da Matriz.

A festa prosseguiu com nova missa e, nos dias seguintes, ocorreram cavalhadas, espetáculos de fogos de artifício, comédias, três dias de touros, serenatas e banquetes para os nobres. (MASSAMI e GUEDES, 2004, p. 77) .

Toda e qualquer festa, desde as mais humildes às mais longínquas possui um caráter social, uma hierarquia bem estruturada e obedecida e um conjunto rico de elementos iconográficos que nos fornecem as informações adequadas sobre a cultura e a história daquela comunidade.

O uso de máscaras, fantasias, bandeiras e mastros são elementos que eram utilizados nas festas barrocas e foram tradicionalmente empregados pelas demais gerações até a nossa atualidade. A cultura das festas populares brasileira foi, portanto fundada nas festas barrocas, adotamos as grandes tradições do período barroco, como as suas procissões de Semana Santa, o seu carnaval, os tapetes nas ruas para a procissão de Corpus Christi, a festa do Divino e suas cavalhadas. Nas figuras abaixo, fica bastante evidenciado a influência que o período barroco exerceu na nossa cultura, já que podemos notar elementos semelhantes em ambas às figuras, no entanto a primeira pertence ao período barroco enquanto a outra já foi produzida na nossa atualidade:



Figura 01. Teto de Igreja barroca¹



Figura 02. Imagem do Divino²

¹ Teto da nave central da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militantes, Recife, Pernambuco *in* **Arte Barroca**: Algumas imagens do interior e exterior das igrejas Barrocas brasileiras, 2010. Disponível em < http://artebarrocabrasileira-vitoria.blogspot.com.br/2010_06_01_archive.html>. Acesso em: 30 de jun. de 2014.

² Imagem do estandarte da Festa do Divino 2010 – Diamantina – MG *in* **Estandartes de Minas**, 2012. Disponível em < <http://estandartesdeminasbh.blogspot.com.br/2010/06/festa-do-divino-diamantina-mg.html>>. Acesso em: 30 de jun. 2014.

De acordo com Perez “o barroco e seu desdobramento nas festas explicitam uma atitude estética, ética e filosófica, não em sua dimensão estritamente artística, mas de estilo de vida, de atitudes vivenciadas no cotidiano.” (PEREZ, 2003 *apud* KODOMA, 2009, p. 94).

No mesmo sentido, são destacas as principais características que desenvolveu o período barroco:

[...] se destaca nos muros das igrejas, das fachadas dos palácios, desce as majestosas escadas para se espalhar nas praças, em suas grandes avenidas que terminam em horizontes de azul, para tomar posse do corpo humano, complicando-o com suas perucas e fita; ele invade a rua com suas procissões, carros alegóricos, sua pompa de um momento, atingindo as almas através do ritual de polidez e do subjetivismo de seus sentimentos. (BASTISTE, 1978 *apud* PEREZ, 2003 *apud* KODOMA, 2009, p. 94).



Figura 03. Palma barroca¹



Figura 04. Leque de Iemanjá²

Mesmo após a chegada do movimento artístico francês no primeiro reinado português no Brasil e durante o final do século XIX a arte barroca ainda se fazia muito presente influenciando a nossa arte, nossos costumes e nossa cultura.

Atualmente, é muito fácil de detectar a presença da arte barroca na nossa arte e na nossa cultura, percebemos nos grandes altares e nas pinturas dos tetos das Igrejas, os andores, procissões, cavalgadas e as grandes decorações das festas populares.

¹ Palma barroca – atestado do luxo e riqueza do Ciclo do Ouro no Brasil. In Instituto Cultural Boa Esperança: **O Ofício da Confecção das Palmas Barrocas**. Sabará, Minas Gerais, 2011. Disponível em: <<http://icbe.org.br/habilidades-cursos/315/>>. Acesso em: 01 de jul. de 2014.

² Leque de Iemanjá. In **Cultura material africana**, foto do MAFRO – Museu Afro-Brasileiro – UFBA. Salvador, Bahia, 2013. Disponível em: <http://www.mafro.ceao.ufba.br/?m=ver_conteudo&id=17&menu=16>. Acesso em 01 de jul. de 2014.



Figura 05. Detalhes do bordado do manto de Nossa Senhora do Carmo¹



Figura 06. Detalhes dos bordados da roupa da Porta-bandeira²

As figuras abaixo são grandes exemplos da influência barroca na nossa cultura pelo uso e exagero de detalhes e elementos, características marcantes nas festas populares brasileiras.

¹ Imagem de Nossa Senhora do Carmo. Foto do Acervo Digital da UNESP – Universidade Estadual Paulista. Disponível em: < http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/66466/6/sp_iotcarmo_06.jpg>. Acesso em: 01 de jul. de 2014.

² Imagem da Porta-bandeira e do Mestre-sala da Escola de Samba Camisa Verde e Branco no Carnaval de São Paulo – SP de 2012. Disponível em: < http://di.imguol.com/carnaval/2012/02/18/emerson-e-tati-mestre-sala-e-porta-bandeira-da-camisa-verde-e-branco-desfilam-no-anhemi-em-sao-paulo-17212-1329538506983_956x500.jpg>. Acesso em: 01 de jul. de 2014.

As figuras abaixo são grandes exemplos da influência barroca na nossa cultura pelo uso e exagero de detalhes e elementos, características marcantes nas festas populares brasileiras.



Figura 07. Caboclo de Lança do Maracatu Rural.¹



Figura 08. Procissão do Círio de Nazaré, Belém – PA, 2013.²

¹ Imagem do Caboclo de Lança do Maracatu Rural. In Todas as cores do maracatu reunidas num livro. Disponível em: <<http://jeffcelophane.wordpress.com/2010/10/21/todas-as-cores-do-maracatu/>>. Acesso em: 01 de jul. de 2014.

² Imagem da procissão do Círio de Nazaré, Belém – PA, 2013. In Acervo do Jornal O Estadão, São Paulo – SP, 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cirio-de-nazare-reune-2-1-milhoes-de-devotos-em-belem,1085417>>. Acesso em: 01 de jul. de 2014.

As festas populares estabelecem uma definida composição social de produção que admite a organização da comunidade e uma regulamentação do grupo festivo. A comunidade é quem mantém a tradição das festas populares suportando os seus custos, a sua preparação até a sua realização.

Caponero e Leite (2010, p. 104) asseveram que as festas:

Como regra geral, as festas populares devem ser preparadas, custeadas, planejadas, organizadas e montadas segundo regras peculiares a cada comunidade e que correspondem a um conjunto de atividades mais ou menos tradicionais, ritualísticas e formalizadas, com uma ideologia que comporta um conjunto de símbolos, valores e crenças que são repetidos pela festa.

Em uma festa, há sempre um motivo de agregação dos participantes, a festa representa um momento de grande importância social da vida coletiva.

Outrossim, Maria Nazareth Ferreira afirma que:

Antes da invenção dos modernos meios de comunicação, as festas constituíam a mais importante atividade pública. Eram momentos de afirmação da identidade coletiva, através dos quais o indivíduo tomava consciência do seu “pertencimento” a determinado grupo. A festa era também um “lugar simbólico” através do qual eram veiculados os valores e as crenças do grupo, transformando-se, portanto, no principal lugar onde afloram os conflitos de significado na disputa pelo monopólio da informação e, até mesmo, do controle social. (FERREIRA, 2001, p. 15).

As festas são momentos em que ocorre a celebração da alegria e da união daqueles que dela participam, sejam na organização ou até mesmo sendo espectadores.

Por conseguinte, durante o século XXI, as festas populares ganham independência e ficam sob o controle de novas mãos, já que deixam de estar totalmente atreladas ao cunho religioso, entretanto ainda são motivos de disputa pelo seu domínio social e econômico. As festas populares tendem a acompanhar o desenvolvimento da sociedade e dos seus novos conflitos sociais. Nesse sentido, Caponero e Leite (2010, p. 105) asseveram:

As festas populares tradicionais que sobreviveram à entrada do novo milênio cresceram não apenas em número de participantes e custos, mas também em grandeza, embora quando comparadas às festas realizadas no século passado, em vários quesitos, possa-se notar que sofreram um processo de empobrecimento. As festas que crescem tendem a ocupar grandes espaços nos centros urbanos. Conquistar espaço pode indicar a importância da festa e seu lugar na vida das cidades e do país, além da preocupação em receber bem os visitantes.

Com o decorrer dos anos, o povo passou a reinventar suas festas de acordo com as novas condições de vida, sociais e econômicas, assim Rita de Cássia de Mello Peixoto Amaral indica:

Pode-se observar que as antigas festas populares, compartilhadas por grande número de pessoas (principalmente as festas religiosas) fragmentaram-se em formas diferentes de festejar conforme foram se formando grupos em decorrência do crescente processo de desenvolvimento capitalista, e a consequente divisão social do trabalho, dos espaços, das classes sociais e, principalmente, do crescimento de diferentes denominações religiosas com maneiras variadas de festejar. No entanto,

surgiram ou mantiveram-se grandes festas em centros de atração regionais. (AMARAL, 1998, p. 34-35).

O espírito festivo do povo brasileiro foi passado de gerações em gerações e é bastante evidente nas suas festas populares, como por exemplo, o carnaval, uma das festas consideradas mais populares e festejadas em todo o território nacional. O carnaval é uma festa tão aguardada, que há quem diga que o ano apenas só inicia após o carnaval. Esse espírito é mantido até mesmo em comemorações de festas oficiais, como no caso do dia 07 de setembro dia que é celebrado a independência do Brasil, em todo o território nacional a população sai de suas casas para assistirem os desfiles cívicos nas suas cidades.

O espírito festivo dos brasileiros de acordo com as palavras de Kodoma está presente:

Até mesmo no luto, esse caráter festivo se faz presente, como nas rodas de “compadres” regadas a “café” e a “pinga”, que viram a noite acompanhando a despedida do ente querido em velórios, animados por lembranças vividas que muitas vezes parecem mais um encontro festivo. É preciso lembrar que a morte também ganha caráter festivo nos dias de Finados, em que a comida, o comércio, as flores e o encontro com conhecidos, transformam-se numa grande celebração. (KODOMA, 2009, p. 98).

As mídias, o comércio e o próprio governo utiliza-se deste espírito festivo presente na vida dos brasileiros para atrair e estimular o turismo no nosso país.

As festas não podem ser ponderadas tão somente como folias históricas no que tange à sua contextualização e aos seus principais aspectos, é importante ir além, e entender o seu entrelaçamento com a história contemporânea, com a cultura globalizada e com o grande turismo que estas festas atraem pessoas interessadas na religiosidade, cultura, história ou até mesmo somente o entretenimento.

De acordo com Ikeda e Pellegrini:

As festas representam momentos da maior importância social. São instantes especiais, cíclicos, da vida coletiva, em que as atividades da vida comuns do dia-a-dia dão lugar às práticas diferenciadas que as transcendem, com múltiplas funções e significados sempre atualizados. As diversas espécies de práticas culturais populares podem ser a ocasião da afirmação ou da crítica de valores e de normas sociais; o espaço da diversão coletiva; do repasto integrador; do exercício da religiosidade; da criação e expressão de realizações artísticas; assim como o momento da confirmação ou da conformação dos laços de identidade e solidariedade grupal. (IKEDA e PELLEGRINI, 2008, p. 207).

De certa forma o turismo pode ter suas vantagens e algumas desvantagens na celebração das festas populares, já que as festas tem o poder de atrair milhares de pessoas com o propósito de participar e de se divertirem. Entretanto, a modernidade poderá afetar diretamente a essência das festas e levá-las ao enfraquecimento da sua devoção e da sua

historicidade, dando lugar e importância tão somente ao seu entretenimento a fim de atrair mais e mais pessoas.

1.2.1 As principais festas populares no Brasil

A cultura de um povo é revelada através de suas festas, músicas, danças, rituais e da sua literatura, afinal são formas de lembrar a história e as lutas daquele povo, tal como os costumes repassados pelos seus antepassados.

Atualmente, as festas tendem reunir num mesmo ambiente, várias pessoas de diferentes classes sociais, idades, raças e religiões, sem que haja discriminação e unidas com o mesmo propósito de participar do espetáculo.

O Brasil em razão da sua grande dimensão territorial foi colonizado por culturas diferentes, daí a causa de ser um país rico e diverso culturalmente. Na época do Brasil colônia, ocorreu a misturas de diversas culturas, sendo estas dos europeus, dos povos indígenas que aqui já viviam e dos africanos que foram trazidos nos navios negreiros para serem escravos.

Em virtude da colonização portuguesa, as festas populares brasileiras, em grande parte, estão ligadas à religião. Por aqui, é bastante comum as celebrações serem em homenagem à Santos e Santas padroeiras, como o feriado de Nossa Senhora Aparecida que foi escolhida para ser a padroeira do Brasil, assim como à datas determinadas pela Igreja que foram inseridas no nosso calendário, tais como o Dia de Reis, Corpus Christi, Dia de Pentecostes e outros.

No Brasil, permaneceu a tradição das cidades serem nomeadas com os nomes dos Santos da Igreja, que ficam consolidados como seus padroeiros e passam a ter festas na própria Igreja ou no seu Município em louvor dos Santos aproximando a população e atraindo outras pessoas a fim de participar dos festejos.

Até mesmo a festa popular mais festejada no Brasil e mais conhecida internacionalmente, o carnaval, apesar de ser considerada profana, ela está ligado à religião, uma vez que o seu término na Quarta-feira de Cinzas marca o início do período da Quaresma que antecede a Semana Santa e a Páscoa. No entanto, a cultura popular brasileira é rica de outros tipos de manifestações e não estão relacionadas diretamente à religião, mas tão

somente costumes que nos foram repassados, como por exemplo a comemoração do *Reveillon* (celebração do término do ano para o início do outro), do Boi-Bumbá ou do Bumba-meu-Boi, o primeiro acontece no Amazonas no grande festival de Parintins e o segundo, é celebrado principalmente nos Estados do Maranhão e do Piauí.

Adiante, citarei as principais festas populares celebradas no Brasil que se formaram através da junção de outras culturas, europeia, indígena e africana, que deram origem a culturas e as tradições brasileiras.

1.2.1.1 Carnaval

Entre os meses de fevereiro ou março o Brasil comemora a festa mais aguardada de todo o ano, o Carnaval. Existem várias histórias sobre o surgimento dessa festa, há quem diga tal festa teve sua origem quando as pessoas celebravam as colheitas e a chegada da primavera, outros relacionam sua origem com a celebração dos últimos dias de pecado e de consumo de carne que antecediam o período da Páscoa.

Entretanto, muitos historiadores afirmam que o Carnaval se originou numa festa popular portuguesa festejada aqui no Brasil durante o século XVII, denominada de entrudo português, aonde as pessoas saíam nas ruas e jogavam farinha, ovos e água uma nas outras, originando tempos depois à festa chamada de Carnaval.

Todavia, apesar do carnaval ter sua origem no entrudo português, a cultura africana de alguma forma o influenciou no estilo das suas músicas e danças, passando a se adaptar aos costumes e ao clima brasileiro.

O entrudo já era comemorado naquela época no período que antecedia a Quaresma e recebeu fortes influências das festas europeias aonde as pessoas iam para os bailes usando fantasias e máscaras.

Já durante o século XIX, o carnaval já era uma festa consolidada no Brasil. As pessoas saíam fantasiadas e mascaradas, dando origem aos primeiros blocos ou cordões carnavalescos. Nessa mesma época, as pessoas também passaram a utilizar e enfeitar os seus carros que saíam junto com os blocos pelas ruas da cidade festejando o carnaval, originando os carros alegóricos do atual carnaval brasileiro.



Figura 09. Carnaval na Av. Paulista – SP, em 1926.¹



Figura 10. Desfiles de carros no carnaval de São Paulo nas primeiras décadas do século 20.²

No início, as pessoas dançavam o carnaval ao ritmo de marchinhas, logo depois, o carnaval foi ficando mais forte entre as classes sociais mais humildes, sofrendo influência, portanto, do samba, ritmo da cultura africana.

Nas primeiras décadas do século XX, o carnaval era uma festa bastante popular e festejada pela população mais humilde, foi nessa época que surgiram as primeiras escolas de samba, geralmente, com suas sedes e rodas de samba nos bairros mais pobres da cidade.

¹ Mostra de fotografias “Carnavais Paulistanos de Outrora”, expõe imagens que retratam os carnavais das décadas de 10, 20 e 30. Acervo da Secretaria de Cultura de Guarulhos doado pelo Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/agenda/barato/carnavais-paulistanos-de-outrora/>>. Acesso em: 04 de jul. de 2014.

² Desfiles de carros no carnaval de São Paulo nas primeiras décadas do século 20. In Era assim o carnaval em São Paulo. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/edison-veiga/2011/03/04/era-assim-o-carnaval-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 04 de jul. de 2014.

Como já dito, apesar de considerarem o carnaval como uma festa profana, ele também possui cunho religioso. Pois, é comemorado, nos dias que antecedem à Quarta-feira de Cinzas que dá início a Quaresma e é portanto, feriado em todo o território nacional.

As cidades do Rio de Janeiro e São Paulo realizam os desfiles de escolas de samba mais concorridos e prestigiados em todo o Brasil e no mundo. Enquanto que em Salvador, as pessoas são atraídas pelo carnaval de desfiles de blocos, como os Filhos de Gandhi, Olodum e *Ile Aiyê*, e também pelo estilo musical, aonde prevalece o ritmo do axé. E, ainda temos o carnaval de Olinda e Recife que possuem os maiores blocos de rua, como o Bacalhau do Batata e o Galo da Madrugada respectivamente, ao qual são carnavais reconhecidos mundialmente pelos seus desfiles com Bonecos Gigantes embalados pelo ritmo do frevo.

1.2.1.2 Maracatu

Em meados do século XVIII, durante a escravatura no Brasil o maracatu era praticado pelos negros.

Os escravos embalados ao som dos seus batuques e das suas danças coroavam suas rainhas e seus reis negros durante a festa.

Atualmente, esta festa de origem negra é bastante comemorada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Recife, Pernambuco.

Existem duas variações do maracatu: o Maracatu de Baque Virado ou Maracatu Nação e o Maracatu de Baque Solto.

O Maracatu de Baque Virado acontece com um tipo de cortejo real africano bailado ao som exclusivo da percussão.

Já o Maracatu de Baque Solto ou Maracatu Rural encena o momento de caçada de uma corte, por isso, que seus dançarinos são considerados os caboclos de lança que se fantasiam suas cabeças com apetrechos bem coloridas e bastantes ornamentadas.

Hoje em dia, esse tipo de festa, no caso, o Maracatu Rural é frequentemente celebrado nas zonas interioranas da região Nordeste, aonde possuem plantações de cana-de-açúcar, como por exemplo, no Estado do Pernambuco que possui cerca de 30 grupos de Maracatu Rural.



Figura 11. Imagem da passagem do Maracatu Rural.¹

1.2.1.3 São Benedito

São Benedito é o santo que possui vários devotos espalhados por todo o território nacional e é considerado o padroeiro de algumas cidades devido a sua grande devoção popular. Este santo possui é celebrado nos festejos religiosos das cidades de Aparecida do Norte, Estado de São Paulo onde é considerada a festa mais importante entre as outra do Congado do Sudeste, isto é, das celebrações religiosas daquela região.

O período em que se comemora a festa de São Benedito é no final de semana que sucede a Páscoa, principalmente na manhã da segunda-feira, quando os grupos de devotos adentram na Igreja de São Benedito antes do café da manhã que será oferecido para as demais pessoas que estão participando da festa, e logo depois, durante a tarde saem em procissão pelas ruas da cidade.

O Congado é uma manifestação religiosa e cultural advinda da África para a cultura brasileira através do transporte dos africanos para servirem de escravos no território nacional. O Congado celebrava a vida de São Benedito, o encontro de Nossa Senhora do Rosário nas águas e a representação da luta de Carlos Magno contra as invasões mouras.

¹ Imagem da passagem do Maracatu Rural em Olinda, Pernambuco. *In* Maracatus fazem a festa na casa da Rabeca. Disponível em: <<http://www.folhape.com.br/cms/opencms/fohape/pt/carnaval2013/olinda/arqs/2013/02/0044.html>>. Acesso em: 08 de jul. de 2014.

Assim, o congado era uma festa em que os africanos cortejavam os Reis Congos simbolizando a confiança que os africanos depositavam nos seus governantes. Esse cortejo era embalado ao som de tambores e batuques em todo o seu trajeto, tal costume também foi incorporado à nossa cultura.

A festa de São Benedito é comemorada ao som de tambores e batuques de zabumba e animada com danças vocacionando o santo devoto. As pessoas que participam ativamente da feste se trajam conforme a tradição e a hierarquia que emana desde o congado africano, aonde primeiramente se destacam o rei, a rainha, os generais e capitães que devem se vestir de acordo com a divisão das turmas, denominadas ternos. Estes ternos se alteram conforme com a função que a pessoa exerce no ritual de celebração da festa e durante o cortejo, como os moçambiques, catopés, marujos e outros.

1.2.1.4 Iemanjá

É a única festa popular considerada religiosa, mas que não teve suas origens no catolicismo. É comemorada no dia 02 de fevereiro e é festejada principalmente na Bahia em razão da forte presença do candomblé em território baiano.



Figura 12. Estátua de Iemanjá.¹

¹ Imagem da Estátua de Iemanjá. In Iemanjá, a Majestade dos Mares. Disponível em: <<http://nossovivercult.blogspot.com.br/2013/02/iemanja-majestade-dos-mares.html>>. Acesso em: 08 de jul. de 2014.

Iemanjá é mais reconhecida como a Rainha do Mar a protetora e guia dos pescadores, mas também possui outras denominações: Dona Janaína, Princesa de Aiocá, Maria e Inaê.

No dia da celebração da festa de Iemanjá várias pessoas vão às praias e jogam no mar oferendas à Rainha do Mar como forma de agradecimentos. Essa tradição teve início nas primeiras décadas do século XX quando um grupo de pescadores se reunia no mar e jogavam presentes contendo flores e até perfumes para a Rainha do Mar a fim de agradar Iemanjá e fazer com que ela cessasse a escassez de peixes.

Nas praias do Rio Vermelho de Salvador (BA), já é tradição as pessoas se reunirem durante o dia e colocarem suas oferendas em cerca de mais de 300 embarcações que estão atracadas nas praias para que durante a tarde estas as carreguem para o alto mar. De acordo com a lenda, os presentes que Iemanjá não aceita, são retornados à praia pela maré.

1.2.1.5 Boi-Bumbá

A festa do Boi-Bumbá tem sua origem nas festas portuguesas e possui diversas versões e algumas outras denominações que contam a sua história.

Essa festa é realizada principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país, entretanto com grande destaque para a cidade de Parintins (AM), que desde 1965 realiza um festival que ocorre durante o último final de semana do mês de junho e dentro do local ao qual eles titulam de Bumbodrómo. Neste local, acontece à disputa ou confronto entre os bois Caprichoso e Garantido que defendem as cores azul e vermelha, durante três dias os bois se confrontam de maneira acirrada e ao final do festival aquele que tiver somado mais pontos é declarado o vencedor daquele ano. Essa festa é bastante popular, uma vez que mobiliza mais de cinco mil pessoas envolvidas desde a sua organização à sua participação nas danças e encenações, assim como, atrai milhares de pessoas de todo o país para assistirem o festival de Parintins movimentando toda a economia local.

A história contada no Boi-Bumbá é relatada quando a negra Catirina estava grávida e sentiu um desejo enorme de comer a língua de um boi pedindo ao seu marido o negro Francisco que atendesse o seu pedido. O negro Francisco, então, mata o boi preferido do seu patrão fazendeiro a fim de atender o desejo da sua mulher grávida. Porém, quando o fazendeiro descobre a morte do seu boi sai em disparada para encontro com o negro Francisco

que sai em fuga pelas matas para não ser capturado. Durante a sua fuga, ele encontra um pajé pedindo que este ressuscite o boi. O pajé consegue ressuscitar o boi do patrão e tudo acaba em uma grande festa que continua sendo retratada até os dias de hoje.



Figura 13. Imagem do Boi Caprichoso¹



Figura 14. Imagem do Boi Garantido²

Na região Nordeste, nos estados do Maranhão e do Piauí aonde essa festa é mais conhecida como festa do Bumba-meu-Boi, a lenda é descrita por um casal de negros que matam o boi predileto do seu patrão. Este, ao se deparar com a morte do seu boi fica desesperado com a situação e pede socorro aos médicos da sua cidade, ao padre e até mesmo a um pajé para tentar ressuscitar o seu boi.



Figura 15. Imagem do Bumba-meu-Boi do Piauí.³

¹ Imagem do Boi Caprichoso no Festival do Boi-Bumbá de Parintins (AM). Disponível em: <http://wikidanca.net/wiki/index.php/Bumba_meu_boi>. Acesso em: 10 de jul. de 2014.

² Imagem do Boi Garantido no Festival do Boi-Bumbá de Parintins (AM) em 2008. Foto de JungleBoy In Festival de Parintins 2011 - Amazonas. Disponível em: <<http://www.bigviagem.com/festival-de-parintins-2011-amazonas/>>. Acesso em: 10 de jul. de 2014.

³ Imagem do Bumba-meu-Boi do Piauí. In O boi e Arte Popular. Disponível em: <<http://oficinasdeindividuaao.blogspot.com.br/2011/03/29-o-boi-e-arte-popular-brasileira-o.html>>. Acesso em: 10 de jul. de 2014.

A lenda conta que o boi consegue ser ressuscitado e logo após ele ganhar a nova vida, o patrão celebra o renascimento do seu boi com uma enorme festa que é comemorada até os dias atuais.

1.2.1.6 Festas Juninas

Nos meses de junho e julho comemoramos as festas juninas em todo o país, mas principalmente na região Nordeste do Brasil que possui tradição na celebração dessas festas, especialmente nas cidades de Campina Grande (PA) e Caruaru (PE) que disputam o título de melhores festas juninas do país com vários tipos de atrações artísticas a fim de atrair mais e mais pessoas todos os anos.

As festas juninas possuem cunho religioso, pois estas festas são para celebrar alguns dos mais santos populares da Igreja, o São João, São Pedro e Santo Antônio. As pessoas se reúnem trajadas com vestimentas de caipiras ou matutos ao redor de fogueiras, de barracas com comidas típicas, decoradas com bandeirolas coloridas, balões, músicas tradicionais e muitas danças. A dança principal é chamada de quadrilha em que retrata o momento da realização de um casamento forçado, aonde o noivo tenta fugir e volta para o altar ameaçado pela espingarda do pai da noiva, o padre realiza então, o casamento e depois acontece à festa, a quadrilha comemorando o casamento.

1.2.1.7 Festa do Divino

A Festa do Divino também possui caráter religioso e é celebrada em várias partes do país. Nessa festa é celebrada a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo que ocorre sete semanas após o Domingo de Páscoa.

No dia de comemoração dessa festa, os cantadores saem pelas ruas da cidade adentrando nas casas da população local pedindo donativos para as pessoas mais carentes. Enquanto isso, outras pessoas trajadas de apóstolos, de Virgem Maria e como membros da Corte Imperial seguem também pelas ruas, seguidos por grupos de crianças e de bonecos

gigantes embalados pelas músicas dos cantadores. Além dessa tradição, existe também a celebração de novenas, quermesses, danças, músicas e no final da festa eles terminam com a apresentação de uma grande Cavalhada e a distribuição de um cozido de carne com arroz e farinha de mandioca à população participante.

1.2.1.8 Cavalhada

A cavalhada é também uma festa de cunho religioso e de tradição europeia. Foi inserida no Brasil pelos Jesuítas durante o período da sua evangelização.

Os Jesuítas desejavam catequizar os índios brasileiros e revelar a força da fé cristã, já que essa festa encenava o confronto entre os cristãos e os mouros, que depois de três longos dias encerrava com a vitória dos cristãos e a rendição dos mouros a serem batizados.

Essa festa possui diversas versões em cada estado do nosso território nacional, entretanto é tradicionalmente mais celebrada na cidade de Pirenópolis (GO), Guarapuava (PR) e em alguns municípios do estado de Alagoas.

1.2.1.9 *Reveillon*

O *reveillon* é uma festa bastante popular no Brasil e é divulgada internacionalmente a fim de atrair turistas do mundo inteiro.

O *reveillon* é comemorado na virada do último dia do ano para o primeiro dia do ano seguinte. As pessoas se reúnem para confraternizar a chegada de um próspero ano novo.

É tradição no Brasil as pessoas se reunirem nas praias, principalmente a de Copacabana no Rio de Janeiro, para assistir o espetáculo dos fogos de artifícios que iluminam o céu à meia-noite do dia 31 de dezembro, jogarem no mar oferendas à Iemanjá e realizar várias simpatias clamando sorte para o novo ano que se inicia.

1.2.1.10 Folia dos Reis

Na nossa cultura também comemoramos tradicionalmente a Folia dos Reis, objeto de nosso estudo, que acontece entre o Natal e o dia de 06 de janeiro.

Essa festa também possui cunho religioso e foi inserida na nossa cultura através dos portugueses e jesuítas.

No dia da folia os músicos e os poetas percorrem as ruas da cidade cantarolando a viagem que os Três Reis Magos fez à cidade de Belém para o nascimento de Jesus Cristo. Enquanto isso, o chefe dos foliões e os palhaços do Reisado fazem o mesmo trajeto nas ruas angariando donativos para a comemoração da Folia em troca de lembrancinhas, santinhos ou bandeiras com fitinhas coloridas, ao mesmo tempo, os demais palhaços que seguem atrás dos foliões representando os soldados de Herodes dançam e recitam poesias para a comunidade local.

No final do percurso, o dinheiro e os demais donativos arrecadados são transformados em comidas e bebidas e distribuídos para todos aqueles que acompanham a folia.

CAPÍTULO II – A FOLIA DE REIS

2.1 A festa dos Reis: patrimônio histórico e cultural

Há várias culturas que atribuem a chegada de uma pessoa como o portador de boas notícias e prosperidade. No estudo das antigas culturas, observa-se principalmente na cultura Ibérica que as festas eram celebradas principalmente durante o período Natalino. No entanto, através do estudo de Ferreira “pode-se vincular a origem desta fé bem antes da difusão do Cristianismo, nos cultos e festas pagãs.” (FERREIRA *apud* KODOMA, 2009, p. 101).

Durante a consolidação do Império Romano as festas possuíam características religiosas e estavam diretamente ligadas aos rituais de homenagem ao sol e a terra. Sobre o tema Ferreira preconiza:

Próximo do solstício de inverno, eram celebradas as chamadas Saturnálias: celebrações em homenagem ao Deus Saturno. Este Deus estava associado ao conhecimento das artes e particularmente da agricultura e do uso da moeda, bem como: [...] era o portador da ciência sagrada. Após os ensinamentos de Saturno, os homens conquistaram a *áurea aestas*, isto é, a Idade do Ouro, passando a viver em *pace e tranquila operosità, senzanguerre e conflitte sociali*, pois não havia diferenças entre classes sociais. (idem, *ibidem*, p. 101-102).

O culto ao Deus Saturno era bastante praticado pelos romanos durante os dias que compreendem atualmente o nosso calendário aos dias de 17 a 23 de dezembro. As festas eram celebradas nos templos religiosos e também eram comemoradas nas ruas por meio de danças, apresentações musicais, comidas, jogos, encenações e troca de presentes.

Outro Deus bastante cultuado pelos romanos era o Deus Jano, durante o mês de janeiro os romanos e os povos ibéricos celebravam a existência deste Deus, que segundo sua mitologia ele possuía duas faces, uma voltada para o passado e a outra para o futuro.

Mesmo com a decadência do Império Romano, sua cultura e seus costumes já haviam sido consolidados em outros territórios que se ratificaram com a expansão do cristianismo, absorvendo as festividades religiosas associadas às suas festas locais e profanas em seus calendários. O surgimento de novas Igrejas e ideologias tentou controlar as comemorações cristãs, fazendo que as mesmas fossem celebradas durante o período natalino.

Na lição de Kodoma (2009, p.103) assevera:

Ainda, é necessário salientar que, no início do cristianismo, não havia data específica para as comemorações dos relatos bíblicos como o nascimento de Cristo,

a visita dos três Reis Magos ao filho de Deus; elas aconteciam em diferentes momentos. Foi o Papa Julio I, em 367 d.C. quem unificou o calendário cristão e fixou a data de 25 de dezembro para a festa do nascimento de Cristo e dia 6 de janeiro para celebração e adoração dos Reis Magos. Essas datas estão muito próximas das comemorações vinculadas aos cultos pagãos que permaneceram na Europa, reminiscências das festas de solstícios, das comemorações januais e das saturnálias e, independente do controle, a Igreja cristã incorporou em seu calendário festas que remetiam ao passado e tradições dos povos europeus e asiáticos.

Sendo assim, durante a estruturação do catolicismo e da sua interpretação, muitas religiões pagãs e alguns rituais lúdicos foram incorporados aos textos bíblicos da Igreja Católica, desafrontando os preceitos e dogmas do catolicismo romano, dando espaço para o surgimento de uma nova prática católica que permanece até os dias atuais.

Podemos encontrar essas incorporações em muitas ocasiões, tais como, nas festas Natalinas e no mês de Janeiro, como a confraternização entre as famílias no dia do Natal, a troca de presentes, as ceias, a decoração e o costume de desejar um próspero ano novo no último dia do ano. As folias dos Reis que é comemorada entre os dias 25 de dezembro até o dia 06 de janeiro a fim de pedir proteção e prosperidade nas colheitas aos Santos Reis também foi uma prática antiga pagã congregada a nossa cultura e ao nosso calendário.

Como é sabido, desde o início a Igreja se utilizou das encenações e dramatizações dos seus textos bíblicos para catequizar e conquistar mais cristãos. Neste período, a Igreja já contava nas suas dramatizações a história dos Reis Magos e a sua viagem durante o nascimento de Jesus. Inicialmente, as encenações bíblicas eram apresentadas em latim, entretanto, como queriam conquistar novos fiéis passaram, então, a encenar suas histórias bíblicas em língua nativa acrescentando a narrativa à presença e descrição de outros personagens, como a estrela, os pastores, o anjo que anunciava aos Reis, a viagem dos Reis, a fuga e os soldados de Herodes e o momento em que acontece a oferta de presentes pelo nascimento de Jesus. Assim, Kodoma (2009, p. 104-105) indica:

Enfim, o texto bíblico podia ser representado completo, desde as profecias do Antigo Testamento, até os relatos da natividade do Novo Testamento, como: Isaías IX, 6 e 7; Isaías XI, 1-10; Miquéias V, 1-5 (Antigo Testamento) e Lucas I, 26-38; Lucas I, 39-45; Lucas II, 1-20 e Mateus II, 1-12 (Novo Testamento). Nos textos bíblicos, os Reis podem ser encontrados como sendo Magos, como aparece em Mateus. Também a oferta dos presentes pode estar associada ao verso do Salmo 71 (– “[...] os reis da Arábia e de Sabá lhe trarão presentes 11 – E adorá-lo-ão todos os reis da terra”). Nesse contexto dos textos bíblicos, foram incorporados tipos e figuras pertencentes ao povo e fatos cotidianos das aldeias, bem como os grandes personagens e acontecimentos da história.

2.2 As folias

Sabe-se que as festas natalinas e a tradição de montar presépios já eram práticas conhecidas em Portugal desde o século XIV, entretanto elas somente são descritas a partir do século XVI e estavam intimamente ligadas as festas consideradas pagãs. Nessa época, em toda a Península Ibérica, era comum nas datas das folias presenciarem os grupos de pessoas caminhando pelas ruas cantando, dançando e pedindo doações para as demais pessoas. De tal modo, “pelo seu caráter de ambulatório e precatório, atribuiu-se a origem das Folias a costumes medievais como o de mestres, estudantes e boêmios percorrerem a Europa mendigando, se divertindo, durante os séculos XII ao XIV”. (GONÇALVES, 2008 *apud* KODOMA, 2009, p. 105).

Há histórias que atribui a tradição de comemorar as Folias dos Reis aos ciganos, povo nômade, que utilizavam de instrumentos musicais semelhantes aos dos povos da Península Ibérica, tal como, faziam uso de bandeiras com muitas fitas coloridas.

Em alguns países da Europa, tais como, Portugal, França, Itália, Alemanha, Inglaterra, Espanha e outros mais, possuem a tradição de celebrar anualmente o Dia de Reis, essa festa em alguns desses países é mais festejada que o próprio Natal. Eles aguardam a chegada do dia seis de janeiro para trocarem os presentes, oferecerem grandes banquetes, reunir a família, visitar os parentes e frequentar as grandes celebrações realizadas pela Igreja.

Em Portugal, a Festa dos Reis Magos está relacionada ao Mito de D. Sebastião que preconiza o retorno de uma época farta e próspera. Desse Mito, surgiu a celebração de duas grandes festas populares: a Folia dos Reis e a Festa do Divino.

Sobre o tema Kodoma (2009, p. 106) afirma:

Ambas as folias incorporam em seu bojo características do “espírito do sebastianismo” e são, ainda, praticadas em Portugal. Nelas estão presentes crenças na fartura, proteção para as colheitas e para as famílias, a chegada de uma espiritualidade positiva – um pacto com o sagrado é elaborado – um compartilhar o banquete com o outro, a subversão de uma ordem de poder onde é coroado um membro do povo, e assim, se faz renascer as certezas de que as solicitações serão atendidas e que um mundo melhor será desencadeado.

Na história do surgimento dos santos, a própria Igreja reconhece que os Reis Magos foram os primeiros santos do cristianismo tendo o momento da sua santificação ao encontro com o Divino.

Na lição de Kodoma (2009, p. 107) é assegurado que os Reis Magos:

Foram santificados pela esperança, pelo contato com a renovação, e essa santificação contradiz a pregação da Igreja romanizada, que atribui a salvação e a redenção dos pecados ao sangue derramado por Cristo em sua crucificação, assim como ao martírio e morte dos Santos.

As festas pagãs que celebravam a vida e a sua prosperidade, com o decorrer dos anos incorporaram a cultura dos povos e ao pensamento cristão, uma vez que a Igreja ante a expansão e consolidação destas festas congregou a sua liturgia e ao seu calendário religioso.

A própria montagem dos presépios durante o ciclo Natalino foi incorporado aos costumes do cristianismo em virtude das práticas pagãs realizadas no século XIV. O seu surgimento deve-se a São Francisco de Assis que tinha a tradição de montar e desmontá-los durante o ciclo natalino até o dia seis de janeiro do ano seguinte. A maneira de montagem e desmontagem dos presépios retrata os personagens e a sua importância durante aquele momento englobando uma série de rituais pertencentes a cada cultura.



Presépio de Machado de Castro

Figura 16. Presépio Barroco do Museu Nacional do Azulejo de Lisboa, Portugal.¹

Em algumas culturas, existe a tradição de somente colocar o Menino Jesus na sua manjedoura no dia 25 de dezembro com os demais personagens indo presenciar o seu nascimento. Enquanto que no dia primeiro de janeiro do ano seguinte eles colocam os três Reis Magos bem próximos à cena no nascimento de Jesus e os outros personagens são colocados em sentido contrário, se despedindo da cena de visitação. E, no dia seis de janeiro os Reis Magos são postos na gruta, por fim, o presépio passa a ser desarmado nos próximos dias.

¹ Presépio de Machado de Castro do século XVII exposto no Museu Nacional do Azulejo de Lisboa, Portugal. Disponível em: < http://www.gremioliterario.pt/iniciativas_2012.php >. Acesso em: 15 de jul. de 2014.

As formas de celebração do Dia de Reis e a maneira como montar e desmontar o presépio variam de cultura para cultura, entretanto elas mantêm a tradição de atribuir ao dia seis de janeiro o dia de fazer pedidos ou simpatias a fim de ter um ano próspero, obter bens materiais e proteção à família. Duas simpatias são bastante comuns e de conhecimento de grande parte da população brasileira, a primeira de escrever o nome dos Reis Magos num papel branco solicitando proteção e prosperidade e distribuir os papéis nas portas das residências da sua localidade, e a outra simpatia é chupar três sementes de romãs pedindo aos três Reis Magos (Melchior, Baltazar e Gaspar) dinheiro e fartura para aquele ano, e logo após guardar as sementes dentro da sua carteira.

2.3 Sobre os Reis

A festa dos Reis que contava a história de peregrinação dos Reis Magos à visita do nascimento de Jesus apenas foi oficializada e considerada como uma festa cristã somente no dia 06 de janeiro do ano de 1164.

Mesmo com o decorrer dos anos, e das pessoas relatarem e comemorarem visita dos Reis Magos ao menino Jesus ainda existia uma dúvida sobre a quantidade dos Reis Magos nessa peregrinação, entretanto ficou oficializado a ida de apenas três Reis Magos: Melchior, Baltazar e Gaspar.

Outrossim, assevera Chevalier e Greerbrant:

Mas, no Século III, no ano 213 o teólogo Orígenes, baseado no número de presentes oferecidos, indicados na narrativa evangélica (Is. 60, 1-6; Mt. 2, 1-12) definiu em três o número dos magos. No texto da bíblia, os reis ofertaram três presentes: Mirra – óleo com o qual eram ungidos os reis e os mortos; Ouro – símbolo do poder, do divino, da imperfeição e da imortalidade e Incenso – usado universalmente como associação do homem à divindade, do finito ao infinito, do mortal ao imortal. (CHEVALIER e GREERBRANTE, 1997 *apud* KODOMA, 2009, p. 109).

De acordo com os preceitos da Igreja romanizada os presentes ofertados pelos Reis Magos possuem seus significados, o ouro simbolizava a riqueza, o incenso a divindade enquanto que a mirra significava a paixão de Cristo.

Ainda de acordo com o cristianismo, a Igreja reconhece os Reis Magos como os primeiros a reconhecerem a importância de Jesus e prolatarem esse seu conhecimento. A história da peregrinação dos Reis é vasta em detalhes e contos, no entanto não sabe-se ao

certo de qual região os Reis advinham, há relatos que contam que eles eram oriundos da Antiga Pérsia e em outros advinham da Babilônia, Arábia ou Mesopotâmia.

Assim, descreve Kodoma:

Na antiga Pérsia os reis eram conhecidos como Magos e no evangelho de Matheus ele usa o termo “mago”, esta constatação levou muitos estudiosos a supor que os magos tinham vindo do oriente. Na antiguidade, em muitos registros, o Oriente está identificado com a Arábia, Mesopotâmia, Babilônia e ou Pérsia. Essas suposições confirmam profecias e relatos do antigo testamento, como a encontrada no Salmo 71.

No Ocidente, no século IV, por volta do ano 361, outro historiador e teólogo do cristianismo, Tertuliano de Cartago fala que os Reis, vieram da Tarsis, Arábia e Sabá, provavelmente baseado também no Salmo 71; Tarsis – Melchior, Arábia – Gaspar e Etiópia – Baltazar, mas é atribuído ao teólogo São Bedas, que viveu de 673 a 735, a citação dos nomes dos Reis e a elaboração de suas descrições. (KODOMA, 2009, p. 110)

Segundo os relatos de São Bedas cada rei possui algumas características as quais os diferenciavam um do outro. Por exemplo, Baltazar tinha pele negra, o rei Gaspar possuía os olhos pequenos e barba fina e o Melchior tinha a pele bastante clara, barba be longa e era o mais velho dos três reis.

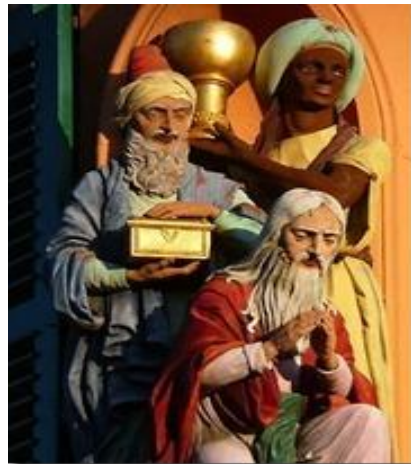


Figura 17. Imagem dos três Reis Magos.¹

Conforme os relatos cristãos, os três Reis Magos apenas voltaram a se reencontrar depois de 50 anos na cidade de Sewa, na Turquia. A Igreja romanizada indica que os Reis Magos foram os primeiros a serem convertidos ao cristianismo e a pregarem pelas demais regiões do continente os ensinamentos cristãos.

¹ Imagem dos três Reis Magos. Disponível em: <http://www.cademeusanto.com.br/tres_reis_magos.htm>. Acesso em: 21 de jul. de 2014.

Kodoma, ainda assevera:

Na atualidade é possível visitar as relíquias dos Reis, guardadas em uma rica urna no Alto-Mor da catedral de Colônia. Os estudiosos não são capazes de precisar de quem seja os corpos depositados na urna em Colônia. A urna dos Reis é considerada, juntamente com a urna que guarda os restos do imperador Carlos Magno, um dos maiores tesouros da arte medieval. Foi confeccionada em ouro e em pedras preciosas, projetada e iniciada em 1181 pelo mestre ourives Nikolaus von Verdun, e concluída em 1220, por seus seguidores. A atual catedral da Colônia foi iniciada em 1248 e finalizada em 1880 por Guilherme I, imperador da Prússia, convertendo-se em um dos maiores centros de peregrinação da Idade Média; hoje é considerada como uma das mais ricas, altas e bela construção gótica. (Idem, *ibidem*, p. 113)



Figura 18. Catedral de Colônia, Alemanha.¹



Figura 19. Vista lateral da Urna dos Reis Magos na Catedral de Colônia, Alemanha.²

A grande religiosidade ao Reis Magos e a tradição de comemorar a peregrinação dos Reis ao nascimento do menino Jesus entre o ciclo natalino ao dia 06 de janeiro, fez os cristãos incorporarem ao seu calendário a tradição de comemorar outras festas religiosas.

É bastante comum trocarmos presentes no Natal, tal como, montarmos presépios, tirar a decoração natalina após o dia de Reis e ver em alguns locais algumas crianças pedindo dinheiro aos mais velhos no primeiro dia do ano.

¹ Catedral de Colônia, Alemanha. Disponível em: <<http://contandoohistoria.blogspot.com.br/2012/06/artes-romanica-e-artes-gotica.html>>. Acesso em: 15 de jul. de 2014.

² Vista lateral da Urna dos Reis Magos na Catedral de Colônia, Alemanha. In O relicário dos três santos Reis Magos na Catedral de Colônia, Alemanha. Disponível em: <<http://gloriadaidademedio.blogspot.com.br/2013/01/o-relicario-dos-tres-santos-reis-magos.html>>. Acesso em: 15 de jul. de 2014.

Kodoma (2009, p. 116) indica que “as folias, portanto, podem ter suas raízes em várias tradições herdadas de diferentes culturas; certo é que são festividades que integram o lúdico, o religioso, o profano, e agregam os membros de uma comunidade.”

Assim, a Folia dos Reis é uma mistura de várias crenças e tradições populares que se espalharam e consolidaram pelo mundo e no calendário da Igreja romanizada. As festas, a troca de presentes, os banquetes, as encenações, as danças, as músicas enriquecem e mantêm a tradição da celebração da Festa dos Reis praticada no mundo todo.

2.4 A folia de Reis no Brasil

O descobrimento do Brasil e com a chegada dos portugueses foram trazidos seus costumes e suas tradições que acabaram sendo incorporados ao cotidiano dos nativos e da nova população que surgia no território brasileiro, como celebração das festas religiosas e a devoção aos santos em virtude da grande evangelização praticada pelos jesuítas.

Como já mencionado, os jesuítas, sendo os primeiros os padres Manuel de Nóbrega e José de Anchieta, utilizavam encenações e dramatizações dos textos bíblicos traduzidos na língua local a fim de evangelizar os nativos e torna-los cristãos.

A tradição da Festa dos Reis comemorada pelos portugueses passou a ser tradicionalmente celebrada no Brasil dando origem a Companhia ou Confrarias de Folias de Reis onde os membros se reuniam para festejar, encenar, dançar e cantarolar a importância e a história dos Reis.

O historiador Melo Morais Filho em sua obra intitulada de Festa e Tradições Populares do Brasil relata a Coroação de um Rei Negro no ano de 1748 na Bahia. Desta forma, alguns trechos de sua obra serão citados relatando a prática, a organização e os principais elementos característicos da Festa dos Reis em nosso território.

Quase às dez horas acendiam-se os altares, o capelão revestia-se, os sinos repicavam, e os irmãos do Santo Rei Baltasar, com suas opas de seda, esperavam no corpo da igreja, dobrando língua, batendo boca entre si.

Em breve, a vozeria confusa que se escutava lá fora, calava-se; os sinos repicavam mais vibrantes e rápidos, produzindo esta mudança do efeito o rolar surdo das caixas de guerra, o som de rapa das macumbas em grande número, a queda sonoramente uniforme dos chocalhos enfeitados da bárbara marcha precedendo o préstito.

De braços erguidos, pulando e revirando sobre as mãos, vestidos de penas e estofos coloridos, quatro muanas (negrinhos) serviam de batedores ágeis, fazendo negaças, cantando, gritando...

Atrás da música caminhavam majestosamente e Neuvangue (rei), a Nembanda (rainha), os Manafundos (príncipe), o Endoque (feiticeiro), os Uantuafunos (escravos, vassalos e vassalos do rei), luzido e vigoroso grupo daquelas festas tradicionais e genuinamente africanas, celebradas no Rio de Janeiro do século passado.

[...]

Ao feiticeiro, enrolando e desenrolando em torno do pescoço enorme cobra, envergando vestimentas de peles e rubro cocar, olhando misteriosamente, volteavam-lhes o antebraço e o colo fieiras de miçangas e de pequenos búzios, entremeadas de figas e talismãs de rosários e bentinhos.

A turma-multa que os acompanhava fechava o magno cortejo, do qual somente o Rei, a Rainha, os príncipes e os vassalos entravam, sendo aqueles para serem coroados na Igreja.

[...]

Do mesmo arquivo da Lampadosa, no citado Compromisso da Irmandade do Santo Rei Baltasar, encontrava-se entre muitos, este termo, que reproduzimos e que demonstra na referida capela esses costumes conservaram-se até muito mais tarde, [...] (MORAES FILHO, 1979 *apud* KODOMA, 2009, p. 118).

Percebe-se claramente a mistura das culturas dos povos europeus, nativos e africanos durante as encenações desta Festa. Estas culturas tendem a querer repassar suas crenças e sua espiritualidade através de elementos iconográficos. Um grande exemplo ocorreu durante a catequização quando os jesuítas encenavam as histórias bíblicas com grandes dramatizações e imagens que simbolizavam a origem dos santos, e também percebia a forte presença de imagens utilizadas pela Igreja influenciadas pela arte barroca.

Outrossim, Melo Moraes ainda acrescenta:

Viajamos sete anos e fomos hóspede da Inglaterra, da França e da Bélgica: nesses países, quanto amor à obra do passado, quanta felicidade às tradições seculares!

E serão estas, porventura, mais belas ou menos ridículas do que as que recebemos de Portugal, que associou-se com desgarre à evolução produzida pelo cristianismo, na poesia, na ciência e nas artes, desde os primeiros vagidos da Idade Média, influenciando no progresso, fecundando-lhe as lendas, nobilitando-se na antiguidade de seus costumes?

Entretanto a Europa conserva e afaga o que possui, e nós nos envergonhamos do que nos honra e define!

Dos acontecimentos ensangüentados de nossa história política e dos períodos brilhantes de nossa literatura, nem mais nos lembramos; perdemos as nossas tradições e as nossas festas, e ficamos sem elas e sem outras que as supram!

É que vamos sendo pacificamente reconquistados... E a árvore das nossas tradições, cuja sombra alongava-se por todo o país, sopro de inverno prematuro despe-lhe as folhas e a impele para o aniquilamento...

Ainda um instante amparando-a na sua queda, assistamos a uma véspera de Reis em nossa província. (MELO MORAES, 2002, p. 74)

Por conseguinte Melo Moraes ainda tece sobre o tema:

A véspera de Reis na Bahia é um corolário da noite de Natal. São irmãos quanto à origem, diferindo na vida de relação.

Para os homens que estudam, o interesse de diferenciação entre as festas do Natal no Brasil e congêneres no estrangeiro é enorme.

Na Europa há um único fator, que é o elemento nacional; entre nós há três: o elemento branco ou português, o africano, e a resultante de ambos – o mestiço. Do

modo por que eles contribuíram e se consubstanciam; do caldeamento estético que dá o colorido local a costumes que se foram modificando desde a colônia, ressalta o encantamento etnológico, afeição nacional. (idem, ibidem, p.74).

Inicialmente, os jesuítas durante o processo de evangelização da população nativa utilizavam bastante das imagens para explicar com riqueza de detalhes as histórias católicas, principalmente o nascimento do menino Jesus.

A história dos Reis Magos já era disseminada pelos Jesuítas desde a sua chegada em território nacional, aonde relatavam desde a sua peregrinação à sua oferta de presentes pelo nascimento do menino Jesus. A tradição da festa é tão forte e marcante na nossa cultura que em Natal no Rio Grande do Norte foi construído em 06 de janeiro de 1598 um forte em homenagem aos Reis Magos cultuando sua proteção aos Santos Reis.

De tal modo, Moraes Filho relata:

Em 1742, fundou-se no campo de São Domingos a Capela de Nossa Senhora de Lampadosa, sendo bispo do Rio de Janeiro D. Fr. Antônio do Desterro.
O terreno para a fundação foi cedido pelo Senado da Câmara à irmandade da mesma Senhora, que, por funcionar no Rosário, isso requere e obteve.
Do primitivo templo, bem raras são as relíquias; quase que não existem pedra sobre pedra.
Como preciosidades históricas há a imagem da excelsa padroeira, a do Santo Rei Baltazar, um Apóstolo do Mestre Valentim, e um admirável retrato a óleo do Marquês de Pombal, obra-prima da arte antiga.
O mais o vandalismo destruiu... (idem, ibidem, p. 119).

A popularização desta festa em todo o território nacional, fez com que ela recebesse as mais variadas denominações, em certos lugares é chamada de Ternos dos Reis ou Pastorais do Senhor Menino, ou até mesmo Folias e Reisados e em outras regiões de Bois de Reis, Bailes Pastorais, Companhia de Reis, Véspera de Reis e entre outras denominações.

As festas católicas brasileiras que carregam a denominação de Folia estão interligadas as devoções dos Santos, tais como, São Sebastião, São José, São Benedito, Festa do Divino Espírito Santo, Santos Reis e outros.



Figura 20. Forte dos Reis Magos de Natal (RN).¹

Conforme Câmara Cascudo, a folia é:

Uma dança rápida ao som do pandeiro ou adufe...

Um grupo de homens, usando símbolos devocionais, acompanhando com cantos [...] festejando-lhe à véspera [...] não tem em Portugal o aspecto precatório da folia brasileira, mineira e paulista [...] é uma espécie de confraria, meio sagrada, meio profana, instituída para implorar a proteção divina [...]. (CASCUDO, 2001 *apud* KODOMA, 2009, p. 119-120).

Na festa dos Reis era comum saírem nas ruas festejando, cantando, dançando ao mesmo passo dando ou pedindo presentes ou pedindo doações e até mesmo esmolas.

¹ Forte dos Reis Magos em Natal (RN). In História e diversidade cultural. Disponível em: <<http://historiaediversidadecultural.blogspot.com.br/2011/09/forte-dos-reis-magos-em-natal-rn.html>>. Acesso em: 17 de jul. de 2014.

Assim, Melo Moraes descreve com riqueza de detalhes na sua obra o momento que a Folia dos Reis acontecia e imobilizava as pessoas da cidade:

A véspera de Reis na Bahia é um corolário da noite de Natal. São irmãos quanto à origem, diferindo na vida de relação.

Para os homens que estudam, o interesse de diferenciação entre as festas do Natal no Brasil e congêneres no estrangeiro é enorme.

Na Europa há um único fator, que é o elemento nacional; entre nós há três: o elemento branco ou português, o africano, e a resultante de ambos – o mestiço. Do modo por que eles contribuíram e se consubstanciam; do caldeamento estético que dá o colorido local a costumes que se foram modificando desde a colônia, ressalta o encantamento etnológico, afeição nacional.

Da noite de Natal, que se passa nos templos e nos domicílios; dos bailes pastoris – a poesia popular erudita – e dos salões soberbos, desçamos às praças e ruas, e observemos o povo que se diverte em ranchos nômadas, presenciemos as cheganças ao ar livre, e o singular espetáculo do Bumba-meu-boi, auto inculto, que se representa mais vulgarmente nas humildes e francas habitações dos arrabaldes.

Na Bahia, os presepes, os bailes de pastoras e os descantes de Reis, prolongam-se até o carnaval. – É o tempo das mangas, das músicas e das mulatas!

Dessa noite em diante, os cantadores de Reis percorrem a cidade cantando versos de memória e de longa data.

Esses ranchos com põem-se de moças e rapazes de distinção; de negros e pardos que se extremam, às vezes, e se confundem comumente.

Os trajes são simples e iguais: calça, paletó e colete branco, chapéu de palha orna do de fitas estreitas e compridas, muitas flores entorno, etc.; as moças, de vestidos bem feitos e alvos, de chapéus de pastoras; precedendo-os na excursão habilíssimos tocadores de serenatas.

Levando-lhes tal vez vantagem pelas ondulações do andar, pelo arredondado das formas lascivas, pelos dentes de pérolas em bocas de ônix, ou orvalhos matinais nas rosas do amanhecer, as crioulas e mulatas acompanham os seus pares, tremendo-lhes o seio por baixo de um nevoeiro de rendas finíssimas, estalando a chinelinha preta e lustrosa, atirando com negligência o pano da Costa, matizado e caríssimo.

Mulheres e homens, meninos e meninas, batem, ao compasso da música, leves pandeiros, ou tocam, nas mãos entreabertas e suspensas, castanholas que atroam.

Destoando do concerto magnífico, lá cresce o rancho dos bucumbis, que são negros e negras vestidos de penas, rosnando toadas africanas, e fazendo bárbaro rumor com seus instrumentos rudes.

Dos bucumbis não sabemos o rumo.

Os ranchos, ao fogo dos archotes, ao som das flautas e violões, dos cavaquinhos e pandeiros, das cantorias e castanholas, dirigem-se: ao presepe da Lapinha, às casas conhecidas em que se festeja o Natal, ou tiram Reis à aventura do acaso.

A partir das oito horas começam a desfilar os primeiros bandos. Embora prevenidas, as casas que os têm de receber conservam a porta fechada, não obstante os dramas pastoris e as danças estarem em atividade.

Chegando um deles ao ponto convencionado, à casa em que deve entrar, a música preludia o canto, que rompe, seguido de coros:

Ó de casa, no bregente,
Escutai e ouvireis,
Lá das bandas do Oriente
São chegados os três Reis.
Do letargo em que caístes,
Acordai, no bressenhores,
Vinde ouvir notícias belas
Que vos trazem os pastores.
Nesta noite tão ditosa
É bom que vós não durmais,
Por que tão alta ventura
Não é justo que percais.

Vinde ou vir simples cantigas
 De grosseiros camponeses,
 Das aldeias conduzindo
 Cordeiros e mansas reses.
 As serranas enfeitadas,
 De prazeres vêm saltando;
 Os mancebos e os velinhos,
 Todos, todos vêm chegando.
 Ó senhor dono da casa,
 Quer que lhe diga quem é?
 É um cravo de amaranto
 Com sua açucena ao pé.
 Senhora dona da casa,
 Mandê entrar, faça favor,
 Que dos céus estão caindo
 Pinguinhos d'água de flor.
 Inda bem,
 Há de vir!
 Que somos de longe
 Queremos nos ir... (idem, ibidem, p. 74-76).

No Brasil, a Folia dos Reis é festejada em todas as suas regiões de seu território, variando de acordo com as peculiaridades de cada localidade. Como já dito, o Dia de Reis encerra o período do Natal como uma grande festa com peregrinação pelas ruas da cidade aonde os presentes e as doações arrecadadas são distribuídas com a comunidade local. As pessoas que compõem os grupos de Folias são compostas por cantores, dançarinos e instrumentistas que durante o ciclo natalino saem em peregrinação na cidade.

Na lição de Melo Moraes:

Há dias no ano em que o povo precisa fazer-se criança. Contrariar esta lei é tor ná-lo triste, desgraçado.
 Essa bem-aventurança popular, esse esquecimento momentâneo das lutas pela vida, só a religião largamente proporciona, visto como exclusivamente ela algema as dores que as sociedades desencadeiam nas contingências imediatas, nos acontecimentos decisivos.
 A política, que, não sendo exercida por individualidades culminantes, é ofício de vadios, não absorve esse gigante de cem faces, que vive por que com bate, que não morre por que é de uma complexidade que se regenera no tempo, no clima e na ação.
 Em qual quer dos estados, a crença tem para o povo estrelas que o iluminam, horizontes que abrem-se em alas, grinaldas de primavera que lhe perfumam e ensombram a frente nas calmarias da existência.
 Dos dias de que falamos são sucedâneos aqueles em que a pátria comemora os seus feitos, relembra as suas glórias. (MELO MORAES, 2002, p.73).

A Folia de Reis se tornou uma festa bastante popular no Brasil, praticada tradicionalmente todos os anos pela população cristã. Entretanto, é válido lembrar que esta Festa não se restringe apenas a uma Festa ou a uma encenação, ela simboliza a fé e a devoção das pessoas aos Santos Reis.

Na grande maioria das regiões brasileiras, vislumbramos a Festa dos Reis sendo formada por um grupo de foliões, geralmente são três homens fantasiados, que representam os Magos e pelos palhaços mascarados que representam Herodes e seus soldados.

Esses personagens são acompanhados de um Mestre que comanda os foliões e estabelece as regras da festa. O Mestre é aquele que recita os versos que serão reproduzidos pelos demais membros do grupo. Os outros membros são compostos de tocadores de banjo, violão, zabumba, triângulo, caixa, viola, pandeiros, maracás, rabeca, sanfona, cavaquinho, flauta, e também de cantores e porta-bandeiras. O Mestre ainda tem a função de orientar as pessoas das casas por onde passam e de receber os donativos.

Outra característica importante para a realização da Festa dos Reis é a presença de mais dois elementos que possuem funções primordiais para a concretização da festa, o Festeiro que é o responsável pelo começo e o fim da festa, e o Gerente que é o encarregado em organizar o percurso da festa, tal como, entrar em contato com as casas da comunidade que estão interessadas em receber a bandeira e oferecer comida para os foliões e também receber as doações.

Melo Moraes indica que depois dos foliões adentrarem nas casas começa a cumprir o ritual da Folia de trovar certas poesias, encenar, cantarolar e sair nas ruas em peregrinação, tal como o autor indica:

Depois destas e de muitas outras trovas clássicas, a porta abre-se, o rancho entra, e, chegando ao presepe, entoa novas canções e novos acompanhamentos:
 Bravo, bravo, bravo!
 Hoje é quem brilha,
 O Verbo Humanado
 Deus de maravilha.
 E ficam ou seguem, depois de comer e beber do que se lhes oferece.
 Enquanto na cidade baila-se e tira-se Reis, em remoto povoado executa-se uma chegada.
 É um largo espaçoso. Junto à matriz há um palanque, uma espécie de coreto sanefado e agalado, com muitas arandelas, de dimensões desafrontadas, realmente bonito.
 À luz das cabeças de alcatrão, que fumam, fincadas aqui e ali, os espectadores, em bancos e cadeiras; em esteiras, no chão, algumas famílias mais modestas, com suas escravas e crias.
 A música entretém o povo em multidão, tocando peças fáceis, chulas, fandangos.
 O vigário, o juiz de paz, o mestre-escola e as altas influências do lugar conversam sobre eleições, discutem política geral e local.
 Nesse ínterim o palanque adquire um aspecto atraente e encanta dor: da caixa desse teatro de improviso vêm ao proscênio Cristãos e Mouros, que começam a chegada.
 As cheganças, no Norte, são autos de número restrito, em que toma parte certa classe popular de pequena elevação.
 Os Marujos e os Mouros intitulam-se os de que temos notícia, constantemente reproduzidos por ocasião das festas de Reis na Bahia, Pernambuco e Alagoas.
 Na dos Mouros os interlocutores são muitos, as músicas distintamente variadas, sendo o entrecho da composição um combate de abordagem entre cristãos e turcos.

Depois que termina a ouverture e serenam as palmas com que o auditório acolhe os artistas, o espetáculo principia, acompanhado de gestos, de versos cantados, de danças bamboleadas. (idem, ibidem, p. 77).

Existe uma lenda sobre participação dos foliões no qual aquele que participar da Festa deverá permanecer nela por sete anos seguidos, caso contrário será punido pelos Reis ou atrairá má sorte. Logo após, de transcorridos este período o devoto poderá tornar-se mestre ou então decidir em não querer mais participar do grupo em nenhuma das suas funções.

Os devotos do Reis participam da Festa, motivados sejam para pagarem promessas ou para pedirem algo ou proteção ao menino Jesus e aos Santos Reis. Assim, Kodoma (2009, p. 122-123) preconiza:

No imaginário popular, os pedidos adquirem características de troca: solicitar a proteção ou a intercessão de um Santo é motivo de lhe ofertar algo em troca. Desta maneira, os Santos podem cobrar o que lhes foi prometido. Muitas vezes, maus acontecimentos da vida do solicitante são encarados como castigos pelas promessas não cumpridas. Como nas folias o que é oferecido aos Santos Reis são quase sempre as prendas para as festas; é comum, a crença de que os egoístas e as promessas não cumpridas de ofertas gerem castigos ou, como dizem, “leve a vida pra trás”.

Certas companhias admitem a presença das mulheres nos seus grupos, no entanto suas funções são basicamente preparar os alimentos, ficar nas casas para receber os foliões, montar os presépios, decorar as ruas e responder as rezas dos terços.

As folias saem em peregrinação pelas casas dos devotos que se sentem abençoados pelas orações e pela visita das bandeiras, através dos cânticos em louvor ao menino Jesus e sob os pedidos de proteção e bênçãos. Após as orações e os cânticos os foliões se apresentam com uma dança denominada de catira.

A Festa do Reis não é apenas um ato de representação, é um ato de fé, de celebrar a vida, pois as pessoas que participam desta festa e a fez tornar-se tão popular nas classes mais humildes acreditam que a festa é uma forma de permanecerem com esperança para dias melhores.

A população se identifica com esta festa, pois acreditam pela vinda de dias melhores com a entrada dos foliões em suas casas.

No Brasil, a festa sofreu algumas variações com o decorrer dos anos, em algumas regiões os reis são cantados como sendo um preto, um mulato e o outro um caboclo. Já em outros locais são relatados como em número de quatro: o banco, sendo o português; o negro, o africano; o mestiço e o quarto simbolizava o índio que havia desaparecido durante o percurso, seguindo outro rumo vindo parar aqui no Brasil dando origem à população nativa.

Já em outros relatos contam que foi o Rei Baltazar que primeiro encontrou Jesus depois de ter sido abandonado pelos outros Reis enquanto dormia. Ao acordar avistou uma estrela que o guiou até o menino Jesus.

Moraes Filho em sua obra descreve:

Homens, mulheres, e crianças, em largo regozijo a liberdade de um dia, esqueciam por instantes as palmeiras de sua terra, os fetiches de seus pais, aguardando a cerimônia da coroação do soberano, e rendendo culto ao Santo Rei Baltazar, que lhes recordava, pela cor que tinha, a cor de sua pele e de seu destino. (MORAES FILHO, 1979 *apud* KODOMA, 2009, p 125-126).

É válido mencionar que apesar da existência dos três Reis Magos, os seus devotos não subdivide seus pedidos ou orações a um ou ao outro rei, uma vez que os Santos Reis são uma única divindade.

A festa dos Reis e suas visitas nas casas são meios que agregam da população, especialmente a mais carente, motivo pelo qual torna esta festa uma das mais praticadas em comunidades da zona urbana e rural.

Sendo assim, Kodoma assegura:

Essa peregrinação pelos lares das comunidades transforma o espaço do cotidiano em um espaço sagrado durante o giro, como num cortejo, numa procissão, e as procissões conduzem seus participantes até o sagrado. Assim, acompanhar a folia é caminhar no sagrado e para o sagrado e visitar juntamente com ela as casas de seus conhecidos e iguais, que se transformam em uma “Belém”. (KODOMA, 2009, p. 126).

A visitação dos foliões nas casas dos devotos simboliza a peregrinação que os Reis Magos fizeram para o nascimento de Jesus. Sendo assim, quando o folião adentra na casa da pessoa é como se os Santos Reis estivessem também adentrando, é como se aquela casa fosse um espaço sagrado simbolizando o nascimento do menino Jesus. Por isso, que esta festa é um ato de fé, esperança e celebração da vida, pois a casa que recebe a bandeira é abençoada e protegida, juntamente com os seus familiares.

A Folia de Reis apesar de ser considerada uma festa religiosa, ela também possui caráter profano, uma vez que a festa possui seus próprios rituais e suas próprias características. Já que, mesmo tendo em sua composição membros pertencentes e atuantes da Igreja Católica, cada grupo de Reisado tem a discricionariedade de elaborar seus próprios rituais. Em alguns lugares, alguns padres e bispos são convidados a participar das Festas, no entanto não são e nem podem ser os condutores do ritual, daí a também a profanidade da festa.

Kodoma (2009, p. 127) ainda acrescenta:

As folias se originam entre familiares e grupos de amigos, mantidas principalmente através da oralidade, dentro do próprio grupo de origem. É comum a participação de todos os membros de uma família, adultos, velhos e crianças: o conhecimento é passado pela observação e pela participação. Esta centralidade das folias entre os membros de uma família mantém o conceito de patriarcado; normalmente, sempre é o membro mais velho do grupo que comanda e detém os saberes, dos ritos, das festas e do giro das folias.

2.5 Organização e funções dos participantes das Folias de Reis

Nas várias Companhias de Reis espalhadas pelo Brasil percebe-se que existe uma hierarquia e um grande respeito entre os membros do grupo a cerca de cada atribuição que ele desenvolve dentro da Folia. O conhecimento e a tradição da realização da festa são transmitidos informalmente para aqueles que observam e participam da organização e efetivação da Folia.

A grande maioria das Companhias é basicamente organizada da mesma forma e atribuição de funções aos seus foliões, por exemplo, há a presença do chamado Embaixador, do Gerente, do Festeiro, do Alferes, dos Músicos, dos Palhaços Mascarados e dos Foliões.

Sendo assim, a função do Embaixador é considerada uma das principais na Festa, uma vez que este é o que preserva a memória da Folia. O embaixador é o que cita os versos e lidera o grupo dos cânticos e é também conhecido em outros lugares como Mestre ou Maestro. Ele é uma espécie de repentista dentro da Festa, já que faz músicas e rimas com improvisos a cerca da simbologia e ideologia dos elementos que estão interligados com esta Folia. O embaixador por liderar o grupo dos cânticos, tem sua voz bastante marcante e entoa na festa sempre como a primeira voz, acompanhado pelo batuque dos instrumentos musicais, cabendo aos demais foliões repetirem os versos cantados pelo embaixador. Kodoma (2009, p. 132) ainda acrescenta sobre a função do embaixador:

Faz a primeira voz e os Foliões repetem os versos na 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e até na 7ª voz, em algumas folias.

Durante a apresentação, o embaixador se coloca de frente para o outro folião, o da 2ª voz, que comanda a resposta do canto. Estes dois cantores principais são acompanhados por instrumentos tocados por todo o grupo. Os outros foliões, perfilados atrás dos primeiros, concluem os versos emitindo as últimas palavras e a última voz emite um longo e prolongado grito.

A figura do embaixador é de suma importância haja vista que sua função tem que ser desempenhada conforme o ritual que pede a Folia. Ele é visto como aquele que cita os versos

e relata a Folia, ou seja, é considerado como o pregador e o mediador da crença aos Santos Reis e da profania que rodeia a Festa.



Figura 21. Embaixador tocando viola.¹

O embaixador deverá conhecer bastante as casas que irá adentrar com os demais integrantes do grupo para poder recitar seus versos, já que haverá residências que apenas desejam a visita da Folia e haverá aquelas que estão pagando promessas aos Santos Reis. Assim sendo, quando a visita dos foliões na casa é apenas uma devoção aos Santos Reis à passagem do grupo de Folia é breve, entoando alguns cânticos com pedidos de bênçãos a família e recebimento das doações. Já quando a residência solicita a visita da Folia como pagamento de promessa, o embaixador deverá tomar conhecimento do pedido que foi realizado e logo após irá cantarolar em versos para os demais foliões também tomarem conhecimento da graça alcançada pela aquela família.

Sobre o assunto Kodoma (2009, p. 132) indica:

O embaixador faz o papel de intercessor com o sagrado: é através de sua cantoria que os Reis são comunicados dos pedidos e das graças alcançadas. O bom embaixador tem que ter habilidades e uma capacidade de perceber os anseios dos devotos e explicitar esses desejos através de seus versos. Ser embaixador é ser um repentista do sagrado.

¹ Foto do Embaixador José de Souza tocando viola na festa de Santos Reis, nas cidades de Jacutinga e Ribeirão do Pinhal no Paraná. Disponível em: <<http://blog.comunidades.net/santosreis/>>. Acesso em: 17 de jul. de 2014.

Outra função importante dentro da Folia é desempenhada pelo Gerente que é o encarregado em organizar o percurso da festa, tal como, entrar em contato com as casas da comunidade que estão interessadas em receber a bandeira e oferecer comida para os foliões e também receber as doações.

O gerente também é responsável pela condução do terço ou rosário durante o percurso da Folia, assim como, toda vez que for solicitado é o gerente que irá fazer a leitura dos textos bíblicos e indicará o assunto que deverá embalar os cânticos dos lugares visitados.

Existe também na Folia o chamado Festeiro, este é o responsável pelo começo e o fim da festa. Ele é organizador da Festa, já que cabe ao festeiro reunir os foliões em sua residência antes de saírem em peregrinação iniciando as rezas, servindo almoço e comida para todos os foliões, determinar o local de acontecimento da Folia e cumprir o ritual de passagem da coroa para o próximo festeiro.

Outra função desempenhada pelo festeiro é de ornamentar a bandeira, retirar as fitas, os pedidos e outros objetos colocados na bandeira, esta função será realizada junto à sua família. Kodoma (2009, p. 135) preconiza:

Em algumas comunidades o festeiro é escolhido entre os membros de maior poder aquisitivo, destaque político, ou que exerçam lideranças e articulações com a comunidade; mas pode ser um festeiro que peça para assumir essa função para pagar promessas ou outras intenções e, quando não pode arcar com os custos dos preparativos da Festa, a comunidade colabora para que a intenção do solicitante se cumpra.

Outro participante da Folia é o Alferes que é aquele folião que fica na frente do grupo segurando a bandeira. Esta função pode ser desempenhada pelos membros mais velhos da comunidade ou também poderá ser exercida por alguém que está pagando alguma promessa.

O alferes é o responsável por receber as ofertas e as prendas ao qual deverá ser informada para o Embaixador ou para o Gerente sobre tudo aquilo que foi recebido, ou seja, ele funciona como uma espécie de supervisor das doações. Em algumas companhias o alferes registra num caderno todos os donativos recebidos durante a Folia, e no dia da Festa que são apresentados para toda a comunidade por meio de um cartaz as doações recebidas como se fosse uma prestação de contas, dando mais confiabilidade à Festa e aos seus membros.

As Companhias não ficam com os donativos e nem com as prendas arrecadadas, elas doam para instituições carentes, asilos, orfanatos ou transformam os donativos em cestas básicas e distribuem para a população carente da comunidade local.

Toda companhia deverá possuir seus músicos. Os integrantes da Folia basicamente tocam algum tipo de instrumento e também cantam e respondem aos versos cantados pelo

Embaixador, só não respondem aos versos os palhaços e o alferes encarregado de levar a bandeira.

As folias de Reis são cantaroladas em versos e em repentes, e são embaladas ao som dos batusques e dos demais instrumentos que enfeitam toda a Festa.

Kodoma (2009, p. 138) indica a maneira de organização das cantorias:

A forma como são organizadas as cantorias ou toadas sofre pequenas variações de grupo para grupo ou de região, mas a base é quase sempre a mesma, sete vozes, sendo a primeira a do Embaixador, que elabora os versos, a segunda e terceira repetem o verso inteiro duas ou três notas acima da primeira e as outras somente as últimas palavras ou metade do verso, cantando de quatro a seis vezes acima da primeira e a sétima ou oitava voz emite um grito agudo e longo, muitas vezes somente a última vogal do verso ou a rima do final do verso.



Figura 22. Músicos da Companhia Mensageiros da Paz de Campinas (SP).¹

Não existe um número exato da quantidade de integrantes de um grupo de Folia de Reis, é certo que apenas deverão ter os principais basicamente no número de 12 (doze) para desempenhar suas funções e seguir tradicionalmente o ritual da Festa.

Entretanto, os instrumentos utilizados possuem cada um sua simbologia e são considerados sagrados, por exemplo, Garbosi “conta que a viola de dez cordas ou caipira era tocada e usada por São Gonçalo para fazer curas e milagres.” (GARBOSI, 2002 *apud* KODOMA, 2009, p. 139)

¹ Foto dos músicos da Companhia Mensageiros da Paz da cidade de Campinas (SP). *In* As Companhias de Campinas - Companhia de Santos Reis de Campinas. Disponível em: <<http://acaminhodaestrela.wordpress.com/as-cias-de-campinas/>>. Acesso em: 18 de jul. de 2014.

As músicas cantaroladas nas Folias são estruturadas em estrofes compostas por quatro versos e são bastante peculiares, elas são acompanhadas pelos instrumentos de cordas, de percussão e de sopro tais como, violão, viola, rabeca, pandeiro, bumbo, caixa, triângulo, sanfona, chocalhos, zabumba, reco-reco, banjo, cavaquinho, flauta de taquara e outros instrumentos.

As músicas das Folias de Reis são bastante similares em quase todas as regiões do país e fáceis de reconhecerem nos demais estilos musicais das outras festas populares. Atualmente, alguns artistas estão usando desse estilo musical em suas produções e encantando a população regionalista, como é o caso de Martinho da Vila, Tim Maia, o cearense Raimundo Fagner e o maranhense Zeca Baleiro, atentai para alguns trechos retirados de suas músicas que retratam a Folia dos Reis:

Hoje é o dia do Santo Reis
 Anda meio esquecido
 Mas é o dia da Festa do Santo Reis
 Hoje é o dia do Santo Reis
 Anda meio esquecido
 Mas é o dia da Festa do Santo Reis
 Eles chegam tocando sanfona e violão
 Os pandeiros de fita carregam sempre na mão
 Eles vão levando, levando o que pode
 Se deixar com eles, eles levam até os bode
 É os bode da gente, é os bodes mééé...
 É os bode da gente, é os bodes mééé...
 Hoje é o dia do Santo Reis (hum...)
 Hoje é o dia do Santo Reis (Hoje é o dia)
 Hoje é o dia do Santo Reis (É o dia da festa)
 (A Festa dos Santos Reis, Tim Maia)¹

Meu senhor, dono da casa
 Ilumine este salão
 Trago um canto diferente
 Cá dentro do coração

Se é grande o firmamento
 É maior a solidão
 Lá na terra de ninguém
 Aprendi esta canção
 Lá na terra de ninguém
 Aprendi esta canção
 Cante com este canto quando ouvir cantar

¹ Letra da música Festa dos Santos Reis de Márcio Leonardo, interpretada por Tim Maia. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/tim-maia/a-festa-de-santo-reis.html>>. Acesso em: 29 de jul. de 2014.

Chore com meu choro por ouvir falar
 Que atrás da serra, muito mais pra lá
 Vive um povo triste que sabe cantar
 Que canta a noite inteira até o sol raiar
 Falam de um reino que há de vingar
 Fosse para um dia a vida melhorar
 Cantaria a noite inteira sem parar
 Fosse para um dia a vida melhorar

Cantaria a noite inteira sem parar
 Fosse para um dia a vida melhorar
 Cantaria a noite inteira sem parar
 Fosse para um dia a vida melhorar
 (Reizado, Raimundo Fagner)¹

[...]
 tá todo mundo querendo rir para o mundo
 fingindo falar umbundo
 para impressionar inglês
 fui numa rave
 nos confins de Arapiraca
 enfiei o pé na jaca
 cantei folia de reis

- senhora dona da casa
 Vim cantar mais uma vez
 Deus lhe dê felicidade
 Paz amor e ...

[...]
 (Drumembêis, Zeca Baleiro)²



Figura 23. Grupo de Palhaços.³

¹ Letra da música Reizado, interpretada por Raimundo Fagner. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/fagner/reizado.html>>. Acesso em: 29 de jul. de 2014.

² Letra da música Drumembêis, interpretada por Zeca Baleiro. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/zeca-baleiro/drumembeis.html>> . Acesso em 20 de jul. de 2014.

³ Grupo de Palhaços. Disponível em: <http://equipedestudos4.blogspot.com.br/2011_03_01_archive.html>. Acesso em: 18 de jul. de 2014.

Outro personagem que permeia o universo das Folias de Reis são os palhaços, também podendo ser chamados de Bastião. A função desse personagem às vezes é confusa, pois ele pode ser interpretado de duas diferentes formas, dependendo da escolha de cada Companhia. Em certas Folias, o palhaço simboliza o soldado de Herodes, uma figura do mal; enquanto que em outras Festas, eles simulam aqueles que foram convertidos e salvaram a vida de Jesus, e por último, ainda podem ser considerados como sendo os pastores que se trajaram de palhaços a fim de enganar os soldados de Herodes e garantir a fuga do menino Jesus.

Os palhaços são figuras misteriosas, dissimuladas e sempre andam mascarados. Suas vestimentas possuem significado quando estão representando os soldados de Herodes, seu traje colorido e florido simboliza a farda do soldado, o chapéu representa o capacete e o bastão à espada.

Percebe-se que durante a peregrinação da Folia, os soldados sempre se posicionam atrás da bandeira e dos outros integrantes, pois de acordo com a história eles simulam os soldados de Herodes que saíram à captura de Jesus e nunca o encontraram, por isso devem sempre se posicionar atrás da bandeira.

É comum vermos os palhaços ajoelhados e sem máscaras em frente aos presépios, pois conforme a tradição histórica da Folia naquele momento os mesmos estão clamando perdão ao menino Jesus pelas suas falhas e pelas iniquidades dos participantes da Festa.

Os palhaços também cantarolam, divertem os participantes, principalmente as crianças. Nesta função, diferente das outras já citadas, é permitido que mulheres ou até mesmo crianças se trajem de palhaços.

Sobre as máscaras dos palhaços Kodoma (2009, p. 143) assevera:

Sua figura faz a transição entre o sagrado e o profano nas cerimônias, entre o caráter solene e o lúdico das Festas. Os Palhaços usam máscaras confeccionadas com diferentes materiais, sempre muito coloridas, às vezes, com expressões aterradoras, outras cômicas; sabem dançar, executar acrobacias e promover brincadeiras. Para alguns as máscaras dos Palhaços atraem os pensamentos negativos e protegem os componentes do grupo durante o giro. Em algumas companhias sua presença não é aceita. Alegam que distraem a atenção do sentido religioso das visitas, ou que sua figura denigre a imagem do grupo perante o povo e ou a Igreja romanizada.

Não podemos deixar de mencionar uma das figuras mais importantes desta festa, os foliões. O folião é todo e qualquer participante que acompanha a peregrinação da Folia nas ruas e nas visitas das residências da cidade.



Figura 24. Foliões na Festa dos Reis.¹

Em algumas Companhias, pelo menos três dos seus membros usam uma fantasia dos Reis para diferenciar dos demais integrantes do grupo que apenas usam um uniforme. Quando os outros membros do grupo não usam uniformes, eles usam pelo menos uma camisa com o nome da sua Companhia, um boné, um lenço, uma fita amarrada no pescoço, um colete e um distintivo colocado na sua camiseta. A vestimenta do Embaixador ou Mestre é mais diferenciada dos demais integrantes do grupo utilizando mais apetrechos que os demais.

Como já mencionado, é bastante comum que os foliões saibam tocar algum instrumento a ser utilizado durante a Festa. Estão participando da festa por ser tradição da família ou por ser pagamento de alguma promessa aos Santos Reis, no entanto deverão permanecer na Companhia pelo período de sete anos, caso contrário a lenda conta que acarreta má sorte, depois de ter encerrado esse ciclo o folião poderá se despedir da companhia ou continuar participando da Folia nos próximos anos.

¹ Grupo de Foliões nos Festejos na região sudeste. Disponível em: <<http://arteculturaespiritualidade.blogspot.com.br/2012/05/festejos-da-regiao-sudeste.html>>. Acesso em: 18 de jul. de 2014.

2.6 Os principais elementos iconográficos das folias

A Folia dos Reis nos chamam atenção pela presença marcante dos seus elementos iconográficos, das suas cores e dos seus personagens. Sendo assim, é através da presença destes elementos ou imagens que se torna possível o expectador diferenciar qual o tipo de festa popular está sendo comemorada. Já que cada festa possui suas características, suas músicas, danças, trajes, cores e outros elementos, como é o caso das Festa do Divino, da Cavalhada, do Reisado e outras festas.

Na Folia de Reis, objeto de estudo desta pesquisa, é muito fácil de vislumbrar a presença de seus principais elementos, tais quais, a bandeira, o presépio, o altar, a coroa, os arcos, os mastros, as cores vibrantes, os bastões dos palhaços, as máscaras e as vestimentas dos foliões.



Figura 25. Bandeira de Santos Reis.¹

A bandeira é a materialização do sagrado, ou seja, é a representação iconográfica dos Santos Reis. Ela simula a existência de uma relação entre os devotos com o sagrado.

¹ Bandeira de Santos Reis. Foto de Ivan Manoel *In* O território de santos reis: um estudo de caso. Disponível em: < <http://www.overmundo.com.br/banco/o-territorio-de-santos-reis-um-estudo-de-caso>>. Acesso em: 18 de jul. de 2014.

A bandeira é o elemento principal da cerimônia do Reisado, uma vez que as pessoas que solicitam a presença dos foliões em sua residência acreditam que ali estão os Santos Reis. A bandeira é erguida e levada sempre à frente dos cortejos ou grupos visitando diferentes lugares naquela comunidade simulando a viagem dos Três Reis Magos à Belém para o nascimento de Jesus.

Ela possui alguns significados para os foliões, alguns acreditam que a bandeira simboliza a estrela que guiou os Reis até Belém, outros acham que ela significa a própria santidade dos Reis e outros entendem que ela representa o próprio menino Jesus.

Na história do Reisado, existem relatos que após a chegada dos Reis à Belém para o nascimento de Jesus, a Virgem Maria deu o seu manto aos Reis como agradecimento a sua visita e como forma de pedido para que eles proclamassem o nascimento do menino Jesus.

As bandeiras são confeccionadas de tecidos chamativos e são estampadas ou bordadas com a imagem dos Santos Reis. No entanto, como cada região possui sua forma de celebrar suas festas conforme o seu regionalismo, existem também bandeiras que além da imagem dos Três Reis Magos há também a presença da pomba branca, que representa o Divino Espírito Santo e outras também que carregam a presença de uma estrela com cauda que simboliza a Estrela Guia. Elas são enfeitadas com várias fitas, franjas e flores e são bastante coloridas.

A bandeira por ser a materialização do sagrado, ela é sempre o destaque das cerimônias sendo reverenciada durante todos os giros. Kodoma (2009, p. 147) indica:

Nas Festas de Reis, mesmo havendo outras manifestações do sagrado, é a ela que é dirigida a atenção, os pedidos. Sempre tocada, beijada, reverenciada, é nela que são depositadas as súplicas e manifestações de agradecimento, como fitas, fotos, pequenos objetos, dinheiro, pedidos escritos. Normalmente o Alferes permite que os objetos sejam fixados na bandeira.

Há Companhias que não admitem que os participantes fixem qualquer objeto na bandeira, sendo assim, o Embaixador, o Gerente ou até mesmo o Festeiro retiram esses objetos e deposita-os em outros lugares, como em capelas ou em cruzeiros ou então, os jogam em água corrente. Da mesma forma, quando a bandeira está carregando muitos objetos (fitas ou pedidos), estes membros num tipo de cerimônia, seguindo um ritual, os retiram da bandeira e também os jogam em água corrente.

Kodoma (2009, p. 148) afirma que:

Em algumas Companhias, as bandeiras permanecem com o Gerente após a Festa; em outras, na casa do Festeiro eleito. Também são comuns as saídas das bandeiras para apresentações e encontros de bandeiras em cidades diferentes de sua origem ou para acompanhar procissões, terços e outras festas religiosas, sempre acompanhada pelo grupo de Foliões.

Quando a Companhia está visitando a residência do solicitante, a bandeira é reverenciada pela família na sua chegada e percorre toda a casa, passando por todos os seus cômodos transmitindo bênçãos e purificando o ambiente.

Há uma lenda que determina que a bandeira não pode ficar sob a guarda da mesma pessoa, ela deverá ser passada todos os anos para as mãos de outra pessoa, caso contrário, poderá atrair algumas coisas ruins e negativas para os membros da Companhia ou para aquela comunidade.

Para receber a visitação da bandeira em suas casas é necessário que as famílias preparem um pequeno altar na entrada da sua residência ou na sua sala principal. Neste altar, a família colocará o seus Santos ao qual são devotos, a Bíblia e um presépio. Kodoma (2009, p. 151) tece algumas observações sobre a montagem do presépio:

Quando a presença do presépio é observada, é motivo para os foliões mudarem o ritual da visita; este deve ser mais elaborado e mais cerimonioso. Em muitas companhias, esta informação é obtida antes por um folião e, quando os foliões chegam a residência, já estão preparados e o cerimonial decidido, desde a entrada da bandeira até a atuação dos Palhaços.

Um momento bastante marcante na realização da cerimônia do Reisado é a coroação do novo Festeiro. Pois, neste momento tão aguardado pela comunidade consubstancia a tradição de garantimento e continuidade da Festa pelos próximos anos.

O Festeiro é o responsável pelo começo e o fim da festa. Assim Kodoma (2009, p. 153) relata:

Ser coroado Festeiro ou Imperador reveste e investe o escolhido para essa função de um sentido de poder; ele adquire um novo *status*. Esta cerimônia marca o fim da festa e está sempre carregada de muita emoção para quem passa a coroa, pela alegria do dever cumprido com os Santos e com a sua comunidade. Para quem a recebe, existe a certeza de que naquele ano o seu cotidiano será alterado pela preparação da Festa. Para a comunidade, a confirmação de que suas crenças e tradições estão asseguradas.

A coroação assume deste modo, um caráter político e social, bem como explica o sentido de religiosidade que acompanha as Folias. A coroa é um símbolo de sacralidade, nela o coroado é investido de poder e passa a ser o mediador entre os anseios e desejos da comunidade com o sagrado. Para muitos que assumem essa função, ser festeiro é receber um presente, é estar intimamente ligado com o sagrado.

Em alguns lugares que realizam as Folias de Reis, é escolhido um casal da comunidade local para simbolizar os coroados, carregando as coroas até o final das festividades do Reisado.



Figura 26. Mastro na Festa dos Reis.¹



Figura 27. Bandeira sendo descida do mastro.²

O significado dos mastros no Reisado, assim como, em outras festas populares simboliza a união entre o céu e a terra ou o como sendo o objeto que consegue interligar as coisas terrenas com o sagrado. O seu levantamento é uma forma de homenagear os Santos Reis e se sentir mais próximos desta santidade.



Figura 28. Arcos na Folia de Reis.³

¹ Mastro na Festa dos Reis com a bandeira hasteada perto da casa do festeiro. Disponível em: <<http://ivocaxu.blogspot.com.br/2013/01/48-festa-de-santos-reis-de-cachoeira-do.html>>. Acesso em: 20 de jul. de 2014.

² Bandeira sendo descida do mastro na 48ª Festa de Santos Reis de Cachoeira do Norte, MG. Disponível em: <<http://ivocaxu.blogspot.com.br/2013/01/48-festa-de-santos-reis-de-cachoeira-do.html>>. Acesso em: 20 de jul. de 2014.

³ Arcos na Folia dos Reis no Bairro São José recebe tradicional Chegada de Reis da Cia - “Lapinha de Belém”. In tribuna regional. Disponível em: <http://www.tribunaregionalolimpia.com.br/index.php?abre=noticias=exibir&id_editoria=36&id=2596> Acesso em: 22 de jul. de 2014.

Outro elemento presente no Reisado é a montagem dos arcos. Os arcos são feitos de bambu enfeitados com fitas e flores e são montados no número de três na entrada e na saída das apresentações e dos giros das Folias.

Os arcos por serem no número de três, há quem acredite que eles representam os Três Reis Magos, enquanto outros creem que eles apenas simbolizam a passagem pelos três reinos. Todavia, quando os arcos estão montados, os foliões param antes do primeiro arco para que os donos da casa possam recebê-los obedecendo à tradição do ritual da Festa. Quando a bandeira passa por cada arco os foliões cantam e rezam de maneira específica.

No primeiro ou no último arco é colocada uma estrela com uma cauda que fica presa a um cordão que conforme o andamento da bandeira e dos foliões, esta estrela vai se deslocando até o presépio que já estava montado. Este momento encena a ocasião em que os Reis foram guiados pela estrela para o nascimento do menino Jesus. Assim, assinala Kodoma (2009, p.157):

Os arcos remetem para a curvatura do céu e desempenham o papel de ligação entre o divino e o terreno. Na tradição judaico-cristã, é usada a representação do arco-íris para indicar a reconciliação de Deus com os homens, após o dilúvio. “Porei o meu arco nas nuvens e ele será o sinal da aliança entre mim e a terra.” (Gênesis, 9:13). Também pode significar a presença da virgem Maria. A transposição dos arcos pelos Foliões indica a delimitação de um espaço sagrado e de um espaço profano; o sagrado está no espaço delimitado após a passagem pelo arco. O que se percebe desse ritual é: o lugar em que está a bandeira é sagrado para os Foliões.

A montagem de um presépio é tradição dos brasileiros durante o ciclo natalino e para as Folias De Reis. O presépio retrata claramente o momento do nascimento de Jesus.

Sabe-se que foi São Francisco de Assis no ano de 1223 que montou o primeiro presépio. Nesse sentido, Kodoma (2009, p. 157-158) relata:

Reza a tradição que o Santo não conseguia explicar de forma clara para os camponeses o texto bíblico da Natividade. Para atingir, seu objetivo ele moldou as principais figuras e montou a cena do nascimento perto da floresta de Greccio. A partir desse episódio, o costume adentrou a Idade Média, e a cena passou a ser montada e representada nas catedrais, castelos e mosteiros. A montagem dos presépios se popularizou no renascimento e durante o barroco.



Figura 29. Presépio montado para a Folia dos Reis.¹

No Brasil, essa tradição foi repassada pelos portugueses através dos jesuítas durante a catequização dos nativos e dos africanos a fim de explicar através de imagens o nascimento de Jesus.

Por aqui no Brasil é bastante comum encontrarmos grandes presépios montados durante todo o ano em diferentes lugares, como em praças pública, em museus, edifícios religiosos, centros comerciais e nas residências católicas.

A tradição de montar os presépios seguem alguns rituais, como por exemplo, colocar o menino Jesus na manjedoura apenas no dia 25 de dezembro; outro ritual é a colocação dos Reis direcionados para o presépio até o dia de primeiro de janeiro e depois desse dia até o dia 06 do mesmo mês os Reis são colocados de costas para a manjedoura, retratando o retorno da sua viagem. E, depois do dia 06 de janeiro os presépios e as decorações natalinas começam a ser desmontadas e guardadas para o final do ano.

Durante, o Reisado os Palhaços se ajoelham em frente ao presépio adorando o nascimento do menino Jesus e clamando perdão pelos seus pecados cometidos e das demais pessoas.

¹ Foto do presépio. *In* Dia de Reis e a tradição em desmontar os presépios. Disponível em: <<http://www.gazetainterior.com.br/index.php/dia-de-reis-e-a-tradicao-em-desmontar-os-preseprios/>>. Acesso em: 22 de jul. de 2014.

Os bastões são carregados pelos Palhaços durante a peregrinação das Folias. São feitos de madeira e enfeitados com fitas coloridas. Eles relembram as espadas que eram utilizadas pelos soldados de Herodes.



Figura 30. Palhaços com bastões.¹

Os bastões servem para marcar o compasso das músicas, juntamente com o sapateado dos foliões. Também podem ser levantados e cruzados para cima, compondo um corredor que dá passagem e proteção aos Foliões para chegarem até a bandeira.

As cores fortes e vibrantes estão presentes em todos os elementos iconográficos do Reisado, como na bandeira, nos bastões, nos arcos, nos instrumentos musicais por meio de fitas, franjas e flores que simbolizam a gratidão ou a aclamação de algum pedido.

¹ Palhaços com bastões. *In* DOIS PALHAÇOS DA FOLIA DE REIS EM GOIÁS. Disponível em: <[HTTP://WWW.KIMAGE.COM.BR/DOIS-PALHACOS-DA-FOLIA-DE-REIS-EM-GOIAS.HTML](http://www.kimage.com.br/dois-palhacos-da-folia-de-reis-em-goias.html)>. Acesso em: 22 de jul. de 2014.

Segundo Garbosi:

O branco é a cor do menino Jesus, da paz; o azul é a cor da Virgem Maria, do céu; rosa, a cor de São José, símbolo do amor, da paciência; o amarelo, o ouro presente ofertado, assim como vermelho, o fogo representando o incenso e o verde, a cor da mirra. (GARBOSI, 2002 *apud* KODOMA, 2009, p. 161)

As festas populares, tal como, as Folias de Reis são manifestações marcadas pelas cores vibrantes e alegres nos trajes dos seus personagens, nas decorações, nos seus enfeites, nas bandeiras, nos seus uniformes e em tudo mais que engloba este cenário.



Figura 31. Palhaços mascarados.¹

Como já dito anteriormente, as máscaras são usadas pelos palhaços durante a Folia e permanecem com elas até o seu encerramento. Em alguns Reisados, as máscaras são usadas como forma de atrair maus olhados e energias negativas que são enviados aos foliões durante a Festa. Elas também são usadas para lembrar os soldados de Herodes que perseguiram Jesus.

Os foliões são identificados e diferenciados através dos seus trajes. Normalmente, seus uniformes são confeccionados com tecidos de cores chamativas e alegres.

¹ Máscaras dos palhaços. O bastião: guerreiro, palhaço e protetor. A Folia de Reis e a proteção do Bastião. Disponível em: <<http://www.cidadespaulistas.com.br/fofia-de-reis/fofia-de-reis.html>>. Acesso em: 24 de jul. de 2014.

Kodoma (2009, p. 165) assinala:

Algumas adotam fantasias de reis para o Embaixador e segunda voz, outras adotam uma vestimenta comum a todos; umas são bem elaboradas, com franjas, com cores variadas e brilhos; outras se restringem à camiseta com a estampa do nome da Folia; podem também usar somente adereços, como chapéus, bonés e distintivos nas roupas.

Nesse sentido, podemos dizer que os trajes caracterizam e identificam o estilo das Companhias e de seus membros, entretanto não existe formalmente o estabelecimento de regras sobre a composição e as cores das vestimentas dos foliões.



Figura 32. Foliões de Potirendaba.¹

¹ Foto dos Foliões. Tradição, fé e milagre: Festas de Reis de Potirendaba reúnem milhares de pessoas. *In* Gazeta do interior. Disponível em: <<http://www.gazetainterior.com.br/index.php/tradicao-fe-e-milagre-festas-de-reis-de-potirendaba-reunem-milhares-de-pessoas/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2014.

CAPÍTULO III – A FOLIA DE REIS NO PIAUÍ

3.1 O Reisado: patrimônio cultural do Nordeste

Depois de muitas informações já mencionadas, podemos, então, dizer que o Reisado é uma festa formada por grupos que se intitulam de Companhias, cuja finalidade é de cantarem, dançarem e permanecerem com a tradição de festejar a véspera e o dia dos Santos Reis.

O Reisado chegou ao Brasil através dos portugueses e foi consolidado pelos jesuítas durante a catequização dos povos nativos e dos africanos. Atualmente, a tradição de celebrar o Reisado é observada e constatada principalmente nas comunidades mais humildes em que a população possui uma ligação e relações de afeto.

Aqui no Brasil, a Folia de Reis é uma festa para celebrar o nascimento do menino Jesus, entretanto, com o decorrer dos tempos, a Festa passou a ser comemorada de diferentes formas se distanciando um pouco de quando foram inseridas pelos portugueses em nosso território. O Reisado brasileiro é bastante regionalista, pois cada região do país tem uma forma específica de festejar os Santos Reis misturando o sagrado com o profano, todavia a essência e o motivo da festa foram e são mantidas.

Lígia Lopes¹ indica:

O reconhecimento do reisado como patrimônio brasileiro, foi reivindicado em seminário no IV Encontro Mestres do Mundo, encerrado no último sábado 06/12/08. Segundo o pesquisador cearense Oswald Barroso, "O reisado é um folguedo que se desenvolve no Brasil inteiro, com uma variedade imensa e uma importância enorme para as diversas artes. Mapear essa manifestação, para esse processo de registro seria um desafio enorme, dada a sua complexidade e diversidade". Juntamente com a capoeira, agora teremos a certeza que essa bela festa popular, será preservada para o deleite de gerações futuras.

¹ Lígia Lopes. In Reisado: patrimônio cultural brasileiro. Disponível em: <<http://omundodeligialopes.blogspot.com.br/2008/12/reisado-patrimnio-cultural-brasileiro.html>>. Acesso em: 28 de jul. de 2014.

Os festejos em louvor aos Santos Reis acontecem entre o Natal e o dia 06 de janeiro, este considerado o dia dos Santos Reis estimado como o terceiro momento festivo do ciclo natalino, integrando ao patrimônio cultural e artístico brasileiro.

Os Reis Magos e os outros personagens são citados na Bíblia no capítulo II do Evangelho de São Mateus, na passagem de Adoração aos Reis Magos. Após isto, alguns apologistas (Gregório, Tomás de Aquino, Agostinho e outros) passaram também a relatar e adorar os Reis elaborando seus preceitos e rituais de devoção à esta Santidade.

A composição da Companhia é formada por músicos, cantores e dançarinos que saem em peregrinação pelas ruas da cidade até as suas zonas rurais, entrando nas residências dos devotos, anunciando a chegada do Messias e clamando por bênçãos e proteções para as famílias daquela comunidade.

A Folia de Reis possui várias denominações, no entanto na região Nordeste esta festa é chamada em alguns lugares de Reisado e já em outros lugares do Brasil é chamado de Bumba-meu-boi, Boi-Bumbá, Boi de Reis ou tão somente de Boi.

Todavia, a Folia de Reis é uma festa bastante bonita que celebra o nascimento do menino Jesus acompanhado por músicos, cantores e dançarinos trajados de vestes coloridas percorrendo a cidade entoando versos e rezas anunciando a chegada do Messias.

A festa possui momentos únicos com apresentação de pequenas encenações dramáticas retratando as batalhas e outros episódios descritos nos textos bíblicos. Os personagens que fazem parte desta festa são bastante interessantes e ficam no imaginário da população, uma vez que eles misturam o lúdico com o real, são meio humanos e animais, alguns são bons e outros são maus ou até mesmo dúbios e difíceis de interpreta-los.

Os festejos de Reis são comemorados com mais vigor nos estados da região Nordeste. Desta forma, cada Estado possui sua forma de festejar os Santos Reis, adotando diferentes cores, músicas, instrumentos, sons, rezas e enredo. Como por exemplo, no estado de Alagoas, o Reisado é uma apresentação dramática rápida e com um enredo não muito rico, acompanhada de cânticos. Já em Sergipe, o Reisado é uma festa bastante popular e tradicional que é celebrada em qualquer época do ano apresentando vários enredos conforme o lugar e a época de apresentação, tais como, religião, guerra, amor e outros temas.

O Reisado é muito parecido com uma peça teatral que possui e é dividida em vários atos. A Folia dos Reis é dividida em algumas partes: a primeira, a abrição das portas das casas; a segunda, a entrada que corresponde à louvação aos Santos Reis e ao Divino; depois precedidas pelas chamadas aos Reis, pela apresentação das encenações nas salas, pelas

danças, pelas dramatizações das batalhas e por último o encerramento das funções dos integrantes e da festa.

Os integrantes das Companhias devem saber cantarolas as músicas que entoam a festa, assim como responderem os versos quando forem solicitados. Todavia, quem comanda a música do Reisado é o Embaixador ou Mestre que recita os versos, sendo respondido pelo coro de duas vozes. As músicas da Folia são embaladas por uma diversidade de instrumentos: pandeiro, sanfona, tambor, rabeca, zabumba, viola, violão, triângulo, ganzá, chocalhos feitos de lata entre outros, todos enfeitados com fitas coloridas.

As danças são específicas para a comemoração dessa Festa, no entanto existem bastantes compassos e passos, tendo grande destaque o chamado de Gingá que ocorre quando os foliões ficam de cócoras se balançando. Outro passo é o chamado de Maquila que corresponde aos pulos pequenos que os foliões dão e se balançam alternadamente com seus corpos para os lados. Já o Corropio é quando o folião fixa o calcanhar esquerdo no chão se movimentando como um pião. E, o passo Encruzado é quando o dançarino cruza as pernas na frente ora na esquerda ou na direita, fazendo este cruzamento alternadamente.

No Nordeste, os personagens principais do Reisado são o Mestre, o Rei, a Rainha, o Contramestre, os chamados Mateus, a Catirina, figuras e os moleques.

O Mestre como o próprio nome já o intitula é aquele que comanda a Festa, através de gestos, de ordens, apitos conduzindo a entrada e a saída dos foliões, recitando os versos e dando prosseguimento às apresentações. A sua indumentária é diferente dos demais foliões, normalmente ele usa um chapéu de palha forrado de tecido de cetim com a aba dobrada na testa igual aos dos cangaceiros, enfeitado com bordados dourados, espelinhos, flores artificiais e fitas coloridas na parte do chapéu que não está dobrado. O mestre se veste com uma espécie de saiote também de cetim confeccionada de cores vibrantes que tem comprimento até a altura dos joelhos, enfeitados com gregas e galões largos e por baixo uma saia branca, com dois ou três babados e ainda trajando uma blusa, um peitoral e uma capa. O contramestre se traja igual ao Mestre, porém menos pomposo e comanda o Reisado na ausência do Mestre.

O Rei é que deve estar bem mais vestido e enfeitado. Os trajes do Rei são um calção ou um saiote até os joelhos, terminados por franjas e acompanhado com uma blusa de mangas compridas de tecido de cetim em cores diferentes, um peitoral e coberto com um manto confeccionado de um tecido reluzente de cores diversas que caía até os seus joelhos; e ainda

calçando um sapato do tipo conga e com meias coloridas. E, na cabeça carrega uma coroa e nas mãos uma espada.

A Rainha é representada por uma menina que veste um vestidinho branco ou rosa claro, carregando na cabeça uma coroa e nas mãos um ramalhete de flores.

Os Mateus, estão no plural, porque se apresentam em dupla, no entanto usam vestes diferentes dos outros foliões. Eles trajam calças e paletós de tecido xadrez ou brim com placas de remendos, calçam alpercatas de couro cru, na cabeça carregam um grande chapéu afunilado denominado de cafuringa, enfeitados de fitas coloridas, franjas e de alguns espelhos, óculos escuros, os rostos pintados de pretos, penduricalhos no peito, cantil a tiracolo, uma espingarda de bambu e batucam com pandeiros nas suas mãos. Os Mateus juntamente com a Catirina são os personagens mais engraçados da Folia.

A Catirina é a noiva do Mateus. Ela se veste com roupas de cor preta ou com roupas de tecido xadrez, na cabeça enlaçam um pano, pintam também o rosto de preto e nas mãos levam um chicote para correrem atrás das crianças e das moças da cidade. A Catirina é a personagem que mais lembra o palhaço.

As figuras ou moleques como os demais foliões se trajam parecidos com as vestimentas do Mestre, no entanto são bem mais simples.

Os outros foliões que compõe o grupo formam o coro do Reisado que participam das encenações das danças, das batalhas e dos cânticos, respondendo algumas vezes aos versos do Mestre. Eles se organizam em duas filas, aparelhadas hierarquicamente e posicionadas uma do lado esquerdo e outra do lado direito do Mestre.

Durante a peregrinação na cidade, o cortejo deverá obedecer a seguinte ordem; o Rei deverá ir à frente, seguido do Mestre e depois do Contramestre.

Durante a peregrinação os foliões aproveitam o percurso para pedir donativos e arrecadar alimentos que serão doados a instituições e famílias carentes daquela localidade.

3.2 Rituais do Reisado

Os personagens típicos do Reisado aqui no Piauí e em outras regiões do Nordeste são compostos pelo Mestre, Contramestre, Rei, Rainha, os Mateus, a Catirina e as Figuras ou Moleques.

O Reisado inicia-se com o Rei seguido do Mestre e do Contramestre seguido dos meninos que carregam candeias de querosene iluminando o caminho e conduzindo o trajeto do Reisado.

Logo atrás dos meninos seguem os dançarinos carregando baús ou caixas cheias de máscaras e roupas. Os músicos embalam o trajeto da Festa ao som de violas, pandeiros, rabeca e outros instrumentos.

O Mestre comanda os foliões dando ordens por meio de apitos para que os foliões peçam permissão para adentrarem na casa. O dono da casa abre a porta e logo inicia a primeira fase da Festa.

Logo após, de aberta a porta os foliões entram na casa, criando animações, precedidos pelo Rei, pelo Mestre, Contramestre e das figuras. Os tocadores cantarolam e encenam a peça de entrada e tecem elogios aos donos da casa. Depois desse momento, os dançarinos executam paços em ritmo bem compassado e rápido.

A terceira fase inicia-se quando o grupo do Reisado se dirige ao presépio montado pelo dono da casa e cantarolam músicas em louvor ao Divino. Por conseguinte, saem desta cena e retornam à sala para o rei ocupar o seu trono. O Mestre apita e ordena as figuras se organizarem em duas filas simétricas para representarem os episódios de batalhas e embaixadas.

A quarta fase a Chamada dos Reis, é iniciada ao final de uma peça quando o Rei se levanta do seu trono, chama o Mestre e junto dele cruza sua espada entoadada pelos batuques dos instrumentos, ao mesmo passo situa com o Rei um episódio representando uma série de embaixadas.

A outra fase é realizada quando entre uma ou outra embaixada são dançadas e cantaroladas as peças na sala. Essas peças retratam fatos, acontecimentos ou satirizam episódios ligados àquela comunidade.

A próxima fase inicia-se quando os foliões se posicionam para dançar alguns passos específicos, como o ginga e o corrupio.

A penúltima fase denominada de Guerra se dá quando o Mestre apita e o primeiro Embaixador o obedece. As espadas são cruzadas e começa a representação das batalhas, inicialmente com o Mestre e depois com o Rei. Depois daí, os demais foliões repetem as batidas das espadas e a guerra se torna geral.

A última fase são as sortes, nesta fase todos os foliões jogam seus lenços em direção aos donos da casa, logo após, eles devolvem os lenços com dinheiro dentro, este momento dá

o nome de Sortes. Angariadas as sortes, o Mestre apita para os dançarinos se afastarem para os lados e começarem a encenação ou também chamados de entremeios que são as dramatizações teatrais, como a do bumba-meu-boi. Depois de encerrar as encenações, os dançarinos retomam as suas danças e os músicos voltam a cantar e tocar para novas embaixadas até que novamente sejam exibidos novos entremeios. São estes episódios de entremeios que tornam a Festa mais bonita e as danças tão mais dramáticas. Algumas encenações são tão bem vistas que são retratadas em qualquer época do ano, como por exemplo, a encenação da história do bumba-meu-boi que era um episódio contado apenas no Reisado e passou a ser encenado em qualquer época do ano ou retratado em qualquer Festa popular do folclore brasileiro.

Nesse sentido, pode observa-se no texto de Melo Moraes (2002, p. 79-85) relatando os rituais seguidos pelos foliões no Reisado, assim como a função que cada desempenhava na Festa:

Cada interlocutor tem o vestuário mais esquisito: é uma mascarada.

O Rei, o Secretário de Sala e as Figuras envergam capa e calção, trazem na cabeça coroa e capacetes prateados, meneiam espadas de pau, tocando, três ou quatro, violas e raramente outros instrumentos. O Boi é um arcabouço feito de lâminas de pinho, coberto com uma colcha de chita, implantada no pescoço curto e um tanto triangular a cabeça pintada, com os competentes chifres.

Essa armação é levada às costas de um indivíduo, que, deixando-a cair, esconde-se de baixo, durante a representação.

É para as bandas da Boa Viagem... Os lampiões refletem luzes vivas nas ruas extensas, e as casas de humilde aparência conservam a porta escancarada até tarde, até muito tarde.

Na sala, ao balanço da rede, o pai de família julga-se feliz, acercado da mulher e da prole, que, à flama do candeeiro, escutam de uma velha escrava os contos da Madrasta, do Pedro Malzartes, da Moura Torta, etc.

Outras há em que o Menino Deus, já de pé no presepe, mostra-se com sua camisinha de cambraia e cajadinho de ouro. Nestas, as cantigas de Reis correm à porfia e sem preso noras.

De súbito, interrompendo as histórias do tempo antigo, quebrando os descantes dos alegres pastores, um grito estrídulo, como o da locomotiva em distância, prolonga-se nos ares, parando com estrondo:

– Eh!... boi!...

E todos chegam às janelas e às portas, dando com os olhos em um vulto que ergue um archote e descansa ao ombro uma vara de agulhão.

E, ao granizo da chama, segundo grito fende o espaço, partido da boca pinta da de vermelho de um cabra, tatuado de preto, de carapuça encarnada:

– Eh!... Airoso!

É o Tio Mateus, que, adiante do Bumba-meu-boi, previne à redondeza da aproximação do rancho.

De feito, minutos depois passa ele com a sua música tradicional, seu Boi galhardamente arranjado, e seu pessoal escolhido e completo.

No fim da rua param a uma porta, afinam as violas e cantam:

Aqui estou em vossa porta

Com figura de raposa,

Eu não venho pedir nada,

Mas o dar é grande cousa.

Senhora dona da casa,
 Bote azeite na candeia;
 Me perdoe a confiança
 De mandar na casa aeia.
 Abri a porta,
 Se quereis abrir,
 Que somos de longe,
 Queremos nos ir.
 A porta abre-se, e a casa é invadida pelos foliões, à exceção do Mateus, o Boi e o
 Vaqueiro, que aguardam ordens.
 A família e os vizinhos, que acodem pressurosos, fazem roda; acendem-se mais
 velas, as violas tinem e o negócio principia:
 O Secretário de Sala (dançando e cantando)
 Oi! Da prata e do ouro
 Se faz o metal!
 Oi! A sala dos Reis
 É pra nós festejar!

Coro
 Oi! A sala dos Reis
 É pra nós festejar.
 O Rei (sentando-se em uma cadeira)
 Ó meu secretário de sala!

Secretário
 Sou humilde para atender ao vosso chamado.

Rei
 É preciso ver se não se acha aqui no nosso reinado uma peça para alegrar o coração
 desta gente, que está piau-piau, como a mandioca lavada em nove águas.

Secretário
 Vossa... vôla...
 E o Secretário canta e dança, ao coro das Figuras...

Secretário
 Moça que está na janela...

Coro
 Olha bamba, bambirá!

Secretário
 Namorando o que não viu...

Coro
 Olha bamba, bambirá!

Secretário
 Olha a quem maltratar...

Coro
 Olha bamba, bambirá!

Secretário
 Olha o filho que não parece...

Coro
 Olha bamba, bambirá...

Secretário
 Oh! meu S. Benedito,
 Que do mar vieste...

Coro
 Lê, lê, lê...

Secretário
 A canoa virou
 Lá no fundo do mar,

Coro
 O diabo da negra
 Não soube remar.
 Aí, em tons acelerados e fortes, cantam e esgrimem espadas, o Rei com o Secretário,
 e as Figuras entre si, vindo sorrateiramente o Tio Mateus ocupar a cadeira do Rei.
 Secretário
 Olha fogo, olha guerra;

Coro
 Fogos em terra;

Secretário
 Olha fogo no mar;

Coro
 É pra nos guerrear;

Secretário
 Fogo faz o Secretário;

Coro
 Fogos em terra;

Secretário
 Olha fogo em nosso Rei;

Coro
 Fogos em terra;

Secretário
 Olha fogo nas Figuras;

Coro
 Fogos em terra...
 Finda esta cena, o Secretário de Salamanda Mateus buscar o Boi; Mateus dá um
 pinote, gritando:
 Eh!... vem cá, Estrela!

Secretário
 Está aí o boi, Mateus?

Mateus
 Sim, meu sinhô.

Secretário
 Quem me empresta um vintém
 Que amanhã dou dois,
 Pra comprar uma fita

E laçar o meu boi?

Guiando o Bumba-meu-boi, que faz as evoluções mais gaiatas, entra o Vaqueiro, a cuja voz obedece o Boi, servindo-lhe de guarda de honra as Figuras, que, ao compasso da música, marcham, erguem e abaixam as espadas, continuando no seu papel de coro.

Vaqueiro

Ora, entra, Airoso,

Ora, faz cortesia!

Coro

Eh! bumba!

Vaqueiro

Ora, ao dono da casa

E à senhora também...

Coro

Eh! bumba!

Vaqueiro

Ora, estrova bonito;

Ora, dá uma pontada...

Coro

Eh! bumba!

Vaqueiro

Ora, aqui no Mateus,

Ora, brinca bonito!

Coro

Eh! bumba!

Nisso que o boi dança, às gargalhadas e palmas dos circunstantes, Mateus dá-lhe uma pancada, e ele revira, esperneando.

O Vaqueiro assusta-se, encoleriza-se, e recomeçam:

Vaqueiro

O meu boi morreu,

Quem matou foi Mateus.

Coro

Eh! bumba!

Mateus

Não, senhor, quem matou foi o dono da casa.

Vaqueiro

Senhor dono da casa,

Me pague o meu boi.

Coro

Eh! bumba!

Vaqueiro

Vá chamar o doutor.

Coro

Eh! bumba!

O Doutor chega, conduzido por Mateus, examina o Boi, prognostica moléstia grave, receita e pede a Mateus uma viola.

O Doutor toca e Mateus dança, dando tempo a que, em um lenço que atiram, as Figuras recolham o dinheiro.
 Depois de muito t que e de muito fado, o Mateus agarra em um menino para com ele dar uma ajuda no Boi, que levanta-se, terminando o auto pela cantiga de retirada:
 Oi! Da prata e do ouro
 Se faz o metal!
 Oi! A vesp'ra de Reis
 É pra nos festejar!

3.3 O Reisado e seus rituais no Piauí

O Reisado é uma festa popular pertencente ao nosso folclore brasileiro, sendo comemorado tradicionalmente desde a chegada dos portugueses em nossa nação e sendo difundida em todas as regiões do Brasil.

São várias as denominações dadas a Folia dos Reis, aqui no Piauí normalmente chamamos de Boi de Reis ou Reisado à Festa que aqueles grupos de músicos, cantores e dançarinos saem de porta em porta no período de 25 de dezembro até o dia 06 de janeiro anunciando a chegada do menino Jesus e homenageando os Santos Reis, os Três Reis Magos.

É sabido que a tradição do Reisado é nitidamente advinda da Europa, principalmente na região da Península Ibérica. Os portugueses trouxeram para o Brasil seus costumes e junto com eles a Festa de Reis composto por grupos de janeireiros ou reiseiros que percorriam as ruas pedindo aos donos da casa que abrissem suas portas e os recebessem para anunciar o nascimento de Cristo. Os donos das casas como forma de retribuição os pagavam com dinheiro e alimentos. Essa tradição permanece até os dias atuais aqui no Piauí em outros lugares do Brasil, todavia cada lugar ou região adaptou os festejos à suas circunstâncias da sua localidade.

Melo Moraes (2002, p. 79) relata em sua obra:

Enquanto os atores e o povo dispersam-se em lufa-lufa, ao clarão dos fogarés, em Itapajipe, Rio Vermelho, Nazaré, etc., o Bumba-meu-boi e a Burrinha constituem as delícias de núcleos festivos.
 O Bumba-meu-boi é o divertimento da canzoada, da gente de pé rapado.
 Tirai da véspera de Reis o Bumba-meu-boi, e estai certos de que roubareis à noite da festa o que ela tem de mais popular em todo o Norte do Brasil, e de mais nosso, como assimilação de produto elaborado.
 Este auto de caráter grotesco, em duas cenas, entre meado de chulas, de diálogos patuscos, e desempenhado por personagens extravagantes, é tudo quanto há de mais curioso no tempo de Natal.
 Contaram-nos que no Ceará e Piauí, terras de gado e vaqueiros, a originalidade desse drama, que tem por protagonista um boi, é extraordinária.

No geral, as peripécias são animadas, o cortejo do Boi é apropriado, e em quase todas as localidades esses espetáculos são dados em casa; excepcionalmente, o Boi dança nas praças públicas.

A distribuição da peça é a seguinte: o Boi, o Tio Mateus, a Tia Catarina, o Surjão, o Doutor, o Padre, o Vaqueiro e o Amo; na Bahia e Alagoas, acrescem – o Secretário de Sala, o Rei, e Figuras que dançam, jogam espada e fazem o coro.

No Piauí, o Reisado é festejado com mais tradição em algumas cidades, tais como a cidade de Oeiras, Boa Hora e a capital Teresina, que adquiriram formas específicas de acordo com os costumes e a cultura destas cidades, preservando o motivo principal da Festa que é a visita dos Três Reis Magos ao nascimento do menino Jesus.

Os grupos de Reisado no Piauí possuem os costumes de saírem de portas em porta nas casas da sua cidade, tocando e cantando as músicas folclóricas deste Estado em troca de bebidas e comidas. Normalmente, esses grupos de Reisado surgem através de promessas, por isso não existir uma regra quanto ao número de foliões, as suas encenações e brincadeiras. Em algumas cidades do Piauí, os grupos são compostos para cumprirem promessas, sendo alguns dos seus foliões contratados apenas para participarem daquela Festa.

Cada grupo se difere do outro, pois cada um se apresenta com suas próprias características, ou seja, há grupos que possuem mais personagens e outros menos, cada um se adapta as condições de sua comunidade.

O Reisado piauiense é composto de vários palhaços mascarados que variam no número de dois a cinco, trajados com roupas coloridas e dão graça e leveza ao espetáculo. Eles dançam, cantam e mexem com todos os participantes.

O Reisado é acompanhado por uma orquestra com vários tipos de instrumentos, desde a viola, passando pela sanfona, pelo banjo, pela rabeca, pandeiro e outros que embalam a apresentação e os entremeios dos personagens da Folia.

No Piauí, o Reisado por retratar também a história do bumba-meu-boi possui outros personagens que engradem mais ainda o espetáculo, tais como, a Cigana, a Burrinha, o Jaraguaia, o Caipora, o Casal de velhinhos, a Arara, o Cabeça de Fogo da Ema, a Piaba, o Boi além de outros personagens.

A orquestra acompanha toda a Folia e um pequeno coro cantarolam as músicas de cada personagem durante a sua apresentação.

São várias apresentações, uma atrás da outra, às vezes sem ligação uma com a outra, entretanto são encenações bonitas e surpreendentes que envolvem os praticantes ao retratarem ora episódios cômicos, ora dramas misturando o real com o lúdico e o sagrado com o profano.



Figura 33. Mateus e Catirina no Reizado.¹

Quando se encerram as apresentações, os foliões entoam a música de despedida dando por fim a Festa. Esta música, assim como, o cântico de chegada dos foliões que dão início ao Reizado são considerados as mais belas criações do folclore piauiense.

Na capital Teresina, quem comanda a companhia é o Mestre Severo, este já representou o Piauí em diversos festivais de Reizado a nível municipal e estadual, como em Salvador, Fortaleza, Rio de Janeiro, Brasília, Recife e em São Luís.



Figura 34. Foto do Mestre Severo.²

¹ Mateus e Catirina no Reizado de Boa Hora, Piauí. In Dia de reis ou Reizado. Disponível em: <<http://caritasveras93.blogspot.com.br/2013/01/dia-de-reis-ou-reizado.html>>. Acesso em 28 de jul. de 2014.

² Foto do Mestre Severo. In Reizado no Piauí - Texto **Noé Mendes de Oliveira** editado por **Andressa Kerllen**. Disponível em: <<http://www.cec.pi.gov.br/noticia.php?id=227>>. Acesso em: 29 de jul. de 2014.

A companhia do Mestre Severo é composta por vinte e cinco personagens, compreendendo desde o Rei, os palhaços, o Boi e os Santos Reis.

O Reisado festejado na cidade de Boa Hora comumente é oriundo de promessas feitas pelos seus foliões, não seguindo, portanto, uma regra no que diz respeito ao seu número de participantes ou de brincadeiras.

No município de Boa Hora o Reisado é bastante celebrado, entretanto os números de grupos que participam da Folia variam anualmente, pelo fato de ser, na sua grande parte, resultante de pagamento de promessas. Nesta cidade, não é comum que alguns grupos permaneçam o restante do ano, como ocorre na capital Teresina com algumas companhias, como por exemplo, a Companhia do Mestre Severo que já é famosa por representar o nosso Estado e a nossa cultura em outros lugares.

Entretanto, o Reisado na cidade de Boa Hora é uma tradição dos folguedos deste lugar, do seu folclore e já do seu calendário, atraindo várias pessoas de outras cidades e Estados, todos os anos para presenciarem seus festejos durante mais ou menos uma semana.

A cidade é toda decorada com bandeirolas, bandeiras dos Santos Reis, fitas coloridas e tudo mais que remete ao Reisado, barraquinhas montadas vendendo comidas e bebidas regionalistas e apresentações diárias do Reisado e ao final dos festejos é escolhido o melhor grupo que retratou o a Folia dos Reis.



Figura 35. Reisado em Boa Hora (PI).¹

¹ Reisado em Boa Hora (PI). In Dia de reis ou Reisado. Disponível em: <<http://caritasveras93.blogspot.com.br/2013/01/dia-de-reis-ou-reisado.html>>. Acesso em 28 de jul. de 2014.

Em Boa Hora, os grupos se vestem com trajes brilhosos que simbolizam o nascimento do menino Jesus, enfeitados com fitas e outros adereços que retratam o luxo da época assimilando com a devoção.

Os grupos de Boa Hora possuem como seus principais personagens a Cigana, os Três Reis Magos, a Burrinha, a Ema, os Caretas, o Boi e o Jaraguá. Conforme, a tradição do Reisado os foliões saem nas ruas a partir do dia 25 de dezembro para louvar o nascimento de Cristo e se encerra no dia 06 de janeiro, com a festa dos Santos Reis. Nos intervalos de uma ou outra apresentação, o personagem dos Caretas fica encenando e dançando um passo chamado de xicote, cantarolando as músicas com a voz rouca, contando histórias, anedotas engraçadas e às vezes picantes, em geral, brincam com os demais participantes. Um trecho dos seus versos:

[...]
Bateu a asa e canta o galo
Meia-noite deu o sinal
Acendei mais uma vela
Hoje é noite de natal

Boa noite, boa noite
Boa noite eu lhe desejo
Sou filho do Padre Eterno
Devoto da Mãe de Deus [...].¹

Outra cidade que também possui na sua cultura a tradição de festejar o Dia de Reis é na cidade de Oeiras, conhecida por preservar e enaltecer sua cultura e seus costumes.

Os grupos da cidade de Oeiras possui como seus personagens principais o Boi, os Caretas, a Burrinha, o Jaraguá, a Nega do Fogo além dos músicos, cantores, dançadores que encenam os chamados entremeios e brincam com aqueles que assistem o espetáculo.

Em Oeiras, dois grandes grupos de Reisado lutam para preservar a tradição de celebrar esta Festa, sendo um deles o Grupo da Vila de Santa Teresa comandado pelo Mestre José de Pastora que percorre todos os anos durante o ciclo natalino as ruas e as casas desta cidade.

A Folia de Reis na cidade de Oeiras teve o seu ápice quando a Companhia do Bairro Canela que é liderado pelo Mestre Seu Quelé comandava a Folia e os foliões animando a população de toda a cidade. Nessa mesma época, a Companhia de Seu Quelé era muito conhecido em toda a região da cidade de Oeiras atraindo muitas pessoas para assistirem suas apresentações.

¹ Reisado em Boa Hora (PI). In Dia de reis ou Reisado. Disponível em: <<http://caritasveras93.blogspot.com.br/2013/01/dia-de-reis-ou-reisado.html>>. Acesso em 28 de jul. de 2014.

No entanto, com a morte de Seu Quelé o grupo acabou por um tempo, mas foi reativado por iniciativa de alguns jovens moradores daquele Bairro comovidos a preservarem as tradições folclóricas da sua cidade e de seus ancestrais. Todavia, apesar dos esforços desses jovens é muito complicado manter anualmente a formação deste grupo, uma vez que a sua composição é formada por muitas pessoas idosas:

Dona Josefa Alves, 70 anos, conta que uma grande parte das pessoas que brincavam de Reis já faleceram e outros devido a idade não conseguem mais manter a tradição, porque não conseguem mais acompanhar o movimento por serem idosos.” Como o interesse dos mais jovens é muito pouco, a tendência é que essa tradição vá perdendo força mesmo. Mas eu não posso ouvir o som do tambor que me junto ao grupo, canto, bato palmas, danço, por que isso está no sangue”, completa dona Josefa.¹

Apesar deste grupo de Reisado encontrar várias dificuldades para permanecer ativo na cultura desta cidade o outro grupo liderado pelo Mestre Jose de Pastora continua firme e ativo com sua composição de foliões que é formado por grupo de quinze amigos do Bairro de Vila Teresa que se dividem em tocadores, músicos, dançadores e apresentando suas dramatizações e entremeios pelas ruas e bairros da cidade de Oeiras divertindo a população local e preservando a cultura daquele povo:

Mesmo assim, José de Pastora diz que são muitas as dificuldades para levar adiante as folias de Reis. ”Não temos apoio de ninguém, nem de instituições. Tudo é muito simples, e feito por nós mesmos. Veja que nossas máscaras são de papelão e usamos nossas roupas mesmo, pois não temos dinheiro para comprar figurino”, afirma José de Pastora.²

O grupo do Mestre José Pastora é composto por cantores, tocadores e dos personagens centrais do Reisado piauiense: a Burrinha, o Jaraguá, o Boi, os Caretas e outros que animam a população que assiste e participa do espetáculo.

Os foliões deste grupo da Vila Teresa se reúnem na casa do Mestre José de Pastora no início das noites do ciclo natalino e saem percorrendo as ruas da cidade dando início as suas apresentações e brincadeiras.

¹ Tradição do Reisado resiste ao esquecimento em Oeiras. Disponível em: <<http://www.suldopiaui.com/portal/noticias/oeiras/1,2730,tradicao-do-reisado-resiste-ao-esquecimento-em-oeiras.html>>. Acesso em: 28 de jul. de 2014.

² Tradição do Reisado resiste ao esquecimento em Oeiras. Disponível em: <<http://www.suldopiaui.com/portal/noticias/oeiras/1,2730,tradicao-do-reisado-resiste-ao-esquecimento-em-oeiras.html>>. Acesso em: 28 de jul. de 2014.



Figura 36. Grupo de foliões na cidade de Oeiras (PI).¹

Os componentes desta Companhia se deslocam pelos bairros da cidade sendo transportados por uma carroça, já que ante as muitas apresentações, danças e brincadeiras os foliões ficam cansados. Anualmente, a média de apresentações deste grupo pela cidade e em outros locais fica na média de 500 apresentações, já que se apresentam não apenas durante o ciclo natalino, mas em qualquer época do ano quando são chamados ou solicitados por pessoas que pagam promessas aos Santos Reis. “Mas com todas as dificuldades José de Pastora diz que não pensa em parar. Nunca pensei em parar e enquanto vida tiver estarei brincando de Reis”, insiste.²

Nesse sentido, o historiador da cidade de Oeiras Júnior Viana explica “que essas manifestações são muito importantes para engrandecimento da cultura local. Eles são a célula que não deixa morrer o que há de mais valioso no imaginário coletivo: a crendice e a magia festiva”.³

¹ Grupo de foliões na cidade de Oeiras (PI). In *Tradição do Reisado resiste ao esquecimento em Oeiras*. Disponível em: <<http://www.suldopiaui.com/portal/noticias/oeiras/1,2730,tradicao-do-reisado-resiste-ao-esquecimento-em-oeiras.html>>. Acesso em: 28 de jul. de 2014.

² Tradição do Reisado resiste ao esquecimento em Oeiras. Disponível em: <<http://www.suldopiaui.com/portal/noticias/oeiras/1,2730,tradicao-do-reisado-resiste-ao-esquecimento-em-oeiras.html>>. Acesso em: 28 de jul. de 2014.

³ Tradição do Reisado resiste ao esquecimento em Oeiras. Disponível em: <<http://www.suldopiaui.com/portal/noticias/oeiras/1,2730,tradicao-do-reisado-resiste-ao-esquecimento-em-oeiras.html>>. Acesso em: 28 de jul. de 2014.

Percebe-se que os grupos dessas cidades do Piauí que possuem a tradição de comemorar o Reisado estão alheios a interesses políticos e a outros mecanismos, o que lhes movimenta é a vontade de preservar a tradição de sua cultura, os seus valores e seus costumes para que sempre permaneçam na lembrança da população. Todavia, deveria haver iniciativas políticas e sociais de instituições ligadas a cultura para manterem e preservarem a existência destas Companhias e continuar com a tradição do Reisado no nosso Piauí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Reisado é um folguedo que pertence ao nosso folclore e é bastante celebrado em todas as regiões do Brasil, todavia com uma imensa variedade de adaptações que retratam muito bem o cotidiano e os costumes da população que a pratica.

A Folia de Reis foi introduzida no nosso território com a chegada dos portugueses e durante o período de catequização realizada pelos jesuítas à população nativa e ao povo africano, a fim de conquistar cristãos. Com o passar dos tempos, a tradição de se comemorar esta Festa se manteve e se mantém até os dias atuais.

A Folia de Reis é uma das principais festas populares mais apreciadas do nosso país, principalmente na região Nordeste. O Reisado é comemorado durante o que se chamam de período natalino entre os dias de 25 de dezembro a 06 de janeiro, que é considerado o Dia de Reis.

A Folia de Reis é composta por um grupo de foliões compreendendo músicos, dançarinos e tocadores que se reúnem e percorrem as ruas de sua cidade visitando as casas da população anunciando a chegada do Messias, apresentando os seus entremeios, cantando os seus versos, aclamando perdão aos Santos Reis e recebendo donativos da população.

É uma festa que consegue misturar o sagrado com o profano, o lúdico com o real e tecem críticas ou sátiras a realidade da sua localidade. Por isso, é uma festa bastante regional, já que sofre modificações de acordo com os costumes da comunidade que a celebra.

A Folia de Reis é uma festa muito rica em detalhes, objetos e cores que atraem e ficam no imaginário da população participante. Os elementos iconográficos são diversos, compreendendo a bandeira que carrega a imagem dos Santos Reis, os mastros, os arcos, os bastões dos palhaços, o presépio, o altar e outros elementos. E, ainda possui uma série de rituais como: a) abrição da porta; b) entrada; c) louvação ao Divino; d) chamadas do rei; e) peças de sala; f) danças; g) a guerra; h) as sortes; i) encerramento da função. Tendo como seus principais personagens: O Rei, o Mestre ou Embaixador, o Contramestre, o Gerente, o Alferes, os Palhaços mascarados, cada um com sua função a ser desempenhada dentro da Festa.

Em outros lugares esses personagens sofrem modificações, na Região Nordeste os principais personagens são: o rei, o mestre, o contramestre, Mateus, Catarina, figuras e moleques.

A indumentária dos personagens é muito marcante e chamativa, na sua maioria são enfeitadas com fitas coloridas, espelhos, franjas, flores e outros adereços.

No entanto, é mantida a presença dos instrumentos musicais em todas as adaptações do Reisado, tais como, a viola. O violão, a zabumba, a sanfona, o pandeiro, a rabeca, o triângulo, dentre outros que entoam a passagem dos foliões e os entremeios pelas casas e ruas da cidade.

No Piauí, a Folia de Reis é chamada de Reisado ou de Boi de Reis. O Reisado piauiense é diferente de alguns outros lugares, mas ele relata a história dos Santos Reis e o nascimento de Cristo, entretanto, possui outros personagens como o Boi, a Burrinha, o Jaraguá, a Catirina e outros.

Porquanto, são muitas as dificuldades encontradas pelos grupos de Reisado para realizar essa Festa, uma vez que ela é celebrada nas localidades mais humildes dos nossos municípios. Entretanto, apesar dos problemas que lhes tomam, as Companhias ainda continuam ativas, muitas sem nenhum apoio social ou político, ligados e motivados em preservar com a tradição de celebrar esta Festa para perpetuação da nossa cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira: Significados do festejar, no país que “não é sério”**. 1998. 380f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (SP): 1998, pág. 34-35.

BIROU, Alain. **Dicionário das Ciências Sociais**. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1966.

CAPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Revista eletrônica – Patrimônio: Lazer & Turismo**, v. 7, n.º 10, abri. – mai. – jun./2010, págs. 99 a 113.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras festas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2005.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Os antigos rituais agrários itálicos e suas manifestações na atividade**. Comunicação e Política. São Paulo: CEBELA, v. 7, n.º 1, nova série, jan. – abr., 2011.

GAUDITANO, Rosa; TIRAPELI, Percival. **Festas de fé**. São Paulo: Metalivros, 2003.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano In JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Íris (Orgs.) - **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp; Imprensa Oficial, 2001.

IKEDA, Alberto Tsuyoshi; PELLEGRINI FILHO, Américo. Celebrações populares: do sagrado ao profano. In: **Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Ação Comunitária**. Terra Paulista. Histórias, artes, costumes, v. 3, Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial, CENPEC, 2008, págs. 169-209.

KODOMA, Kátia Maria Roberto de Oliveira. **Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas**. São Paulo: 2009.

MASSAMI, Mariana; GUEDES, Maria C. **História da Psicologia no Brasil: novos estudos**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

MORAES FILHO, Mello. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Com um prefácio de Sílvio Romero; Desenhos de Flumem Junius. Brasília: Senado Federal – Conselho Editorial, 2002.

PEREZ, Léa F. **Breves notas sobre a religiosidade brasileira**. Brasil 500 anos. Belo Horizonte, págs. 10-58. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a8-lreitas.pdf>>. Acesso em: 17 de jun. de 2014.

_____. **Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo**. Espaço virtual da internet: comunidade virtual de antropologia, 2003 (textos publicados). Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a12-lreitas.pdf>>. Acesso em: 17 de jun. de 2014.

TINHORÃO, José R. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.